



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E LEGISLAÇÃO
PARTICIPATIVA**

PRESIDENTE: AURÉLIO NOMURA

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 08/04/2019

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Intervenção simultânea ininteligível/inaudível
- Manifestação fora do microfone

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Boa noite a todos e todas.

Declaro abertos os trabalhos da quinta audiência pública que a Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participa no ano de 2019.

Informo que esta reunião é transmitida através do portal da Câmara Municipal, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br, no *link* Auditórios *On-Line*.

A íntegra da transmissão desta audiência estará disponível ao público em geral no mesmo endereço, no *link* Audiência Públicas/Registro Escrito.

Esta audiência tem por objetivo discutir as diretrizes para o Carnaval de Rua, tema do PL 279/16, que está parado, mas que, em virtude da grande repercussão que impacto do carnaval de rua em de São Paulo tem tido e diante de várias reclamações e problemas relatados por moradores, a CCJ, por pedido nosso, abriu uma série de debates para ouvir a população, as autoridades e, quem sabe, diante do tempo que temos até o carnaval do ano que vem, consigamos antecipar problemas e organizar uma base legislativa, por meio desse PL, melhorando-o, a fim de que o carnaval de rua esteja organizado e seja, de fato, mais positivo que negativo para todos os moradores da Cidade.

As inscrições para pronunciamento estão abertas na secretaria da Comissão.

Para esta audiência, convidamos diversas autoridades, entre elas, o Secretário Municipal de Cultura Alexandre Youssef, que indicou como seu representante o Sr. Ronaldo Bitello Tomei Jr; o Secretário de Subprefeituras Alexandre Modonezi, que também não pôde vir por ter uma agenda com o Prefeito. Aqui, presentes, dois Prefeitos Regionais: o João Vestim Grande, de Pinheiros, e o Fabrício Cobra Arbex, da Vila Mariana.

Também foram convidados o Coronel da PM Vanderlei Ramos, Comandante do Policiamento da Capital, que indicou como representante o Sr. Luciano Luiz de Souza, Subcomandante do Policiamento da Capital; o Presidente da Companhia de Engenharia de Tráfego, Sebastião Ricardo Carvalho Martins, que indicou como representante o Sr. Julio Fernando Condursi Paranhos da Silva; a Inspetora Superintendente Elza Paulina de Souza,

Comandante-Geral da Guarda Civil Metropolitana, que indicou como representante o Sr. Wilson Batista, Comandante Operacional do Centro; Sr. Rodrigo Kluska, Presidente da SPTuris. Peço a todos que componham a Mesa.

O Subprefeito da Sé, Sr. Francisco Roberto Arantes, ligou e disse que não poderá participar por estar numa operação de emergência no centro, queda de árvore e buracos, devido às chuvas; e o Subprefeito da Lapa, Sr. Leonardo Casal Santos, também não poderá comparecer.

O Sr. César Ricardo Martins, 5º Promotor de Justiça de Habitação e Urbanismo da Capital, foi convidado e também não poderá participar, mas mandou um ofício. Dentre os temas discutidos, ele sugeriu que a gente destaque o impacto ambiental que o Carnaval tem na Cidade; o resguardo do sossego público de moradores; a mobilidade da Cidade; a cobrança ou não da infraestrutura fornecida; o sistema de patrocínio e de publicidade; a proibição ou não de patrocínio por empresa que comercializa bebida alcoólica e eventuais prejuízos ao comércio.

Então são pontos que o Promotor sugeriu que a gente debata. A dinâmica aqui, a nossa ideia com esta audiência, além de dar voz para as autoridades, o ponto de vista deles que estiveram na parte de organização, é ouvir a população. O primeiro passo é ouvir a população de modo que moradores, organizadores de bloco, comerciantes, empreendedores, quem quer que seja da sociedade que quiser se manifestar, presidentes de Conseg, membros de Conseg, tragam seus pontos de vista, suas preocupações. Isso porque antes de qualquer legislação prosperar temos de ouvir quem está vivendo na pele as consequências do evento que é uma realidade, para tentar melhorar a situação.

Os principais pontos levantados e que ensejaram a urgência de se começar a fazer audiências públicas – fiz uma lista aqui -, foram coletadas tanto nos Consegs que participamos junto com os próprios subprefeitos, mas também pelas redes sociais. Então foi uma reclamação com relação a trios elétricos grandes em ruas de bairros residenciais, que não comportam esse tipo de estrutura.

Falta de banheiros públicos, principalmente no pré-carnaval, mas em algumas regiões faltou durante o Carnaval também. E a lei municipal que obriga organizadores de eventos a colocar banheiros públicos, regulamentada já, traz essa obrigação. Portanto, se não houver banheiros fica difícil cobrar do folião que urine no lugar correto e faz parte de um bom Carnaval ter banheiro também.

Segurança para evitar furtos e arrastões. Em Pinheiros houve muita reclamação. O João está aí e pode testemunhar melhor, os colegas da PM e da Guarda também. Tanto que no final, no pós-carnaval foi até cancelado um dos trajetos porque estava impossível garantir a Segurança.

O excesso de consumo de bebida alcoólica, inclusive, por menores de idade. Esse é um problema que foi registrado. Recebemos vídeos. Esse é um problema grave e temos de nos organizar, porque não é possível conviver com abuso de álcool e drogas por menores de idade no espaço público. Não é isso que queremos para a nossa sociedade.

O barulho excessivo sem fiscalização. Aqui também a questão de carros com um som potente que estacionam em alguma rua, abre o capô e começa um pancadão, bebida. Daqui a pouco fica uma aglomeração e se perde o controle. Isso nem é bloco de carnaval. Isso acontece, inclusive, na Vila Madalena em fim de semana normal e em outros lugares da Cidade também. É um ponto trazido aqui, mas o Carnaval também potencializa.

O PL 279/2016, em discussão, é de autoria do colega Nomura, que não pode estar presente, mas virá nas próximas, com substitutivo do Vereador Milton Leite, foi feito num contexto em que o Carnaval estava começando, 2015 para 2016. Agora o Carnaval já é uma realidade, os números são de um Carnaval que movimentou mais de 12 milhões de pessoas circulando no pré-carnaval e pós e registrou números que os subprefeitos poderão falar melhor que eu, de ocupação de hotéis e tudo mais. Então há números positivos do grande evento que é do ponto de vista do comércio.

Então desse PL no estágio em que estava para hoje a mudança do contexto é total.

Agora acho que vamos ter de rever e pensar nos limites que precisamos por para que esse Carnaval seja controlável, porque para quem está lá na rua há situações que fogem do controle e isso não pode acontecer.

Enviamos alguns ofícios para a Prefeitura, para a SPTuris em especial, para que faça um detalhamento, uma prestação de contas com relação ao patrocínio. Esse é um ponto importante também, o patrocínio de 16 milhões de reais, pela imprensa, a gente leu que ele basta para custear toda operação do carnaval: limpeza, policiamento, trânsito, segurança, de forma que tem que ser prestado contas disso para que a gente saiba qual é o custo desse carnaval e mostre para a população que não está sendo usado o dinheiro público para bancar um evento, já que tem um patrocínio com esse propósito.

Não houve resposta. Acho que a SPTuris está num processo de privatização, então talvez haja questões internas, mas espero que, até o fim do ano, nas próximas reuniões, haja um avanço nesse ponto. A gente questionou também sobre os banheiros químicos, e é a mesma questão: A SPTuris está num processo de privatização, então, para o ano que vem, isso já deve estar sanado.

Outra coisa, alguns pontos foram levantados diretamente em relação à minha pessoa. Para quem não me conhece, antes de ser Vereador, eu era advogado; sou Advogado ainda e, inclusive antes de ser Vereador, quando fui candidato, eu já dependia o carnaval de rua. Inclusive tem um vídeo meu no meu canal no YouTube onde defendendo o carnaval de rua, blocos de rua, desde que haja organização. Em hipótese alguma, defendo a baderna, o direito à folia acima do direito das pessoas de morar, de ir e vir para as suas casas. Eu canto em um bloco, eu gosto, mas não sou organizador, porque não tenho nem tempo de lidar com isso.

Então é importante frisar aqui que, como Vereador, em hipótese alguma, há qualquer interesse particular, ou qualquer interesse de qualquer bloco acima do interesse da Cidade. Quero só registrar isso publicamente para que não deixe dúvidas.

Por fim, foi feita uma pergunta se é possível acabar com o pré-carnaval e o pós-carnaval, deixando apenas o período do carnaval. Quanto ao pós-carnaval, se você olhar os números, com certeza os blocos que saíram no pós-carnaval tiveram um público menor este ano já em relação aos anos anteriores, porque antigamente as pessoas de São Paulo viajavam para fora para curtir o carnaval, então elas iam no pré e no pós. Agora, quando os paulistanos ficam para curtir o Carnaval já chegam no pós-carnaval cansados e estão indo menos. Esse é um número que recebi por parte do Secretário de Cultura, que me disse que teve essa impressão.

Portanto, feita a explanação inicial, vou passar para a palavra aos colegas de Mesa. Depois a gente abre às pessoas presentes se inscreverem e poderem contribuir, fazer os questionamentos e os depoimentos que quiserem.

Tem a palavra o Sr. Júlio.

O SR. JULIO FERNANDO CONDURSI PARANHOS DA SILVA – Boa noite. Sou Engenheiro de Tráfego da Companhia de Engenharia de Tráfego, a CET, e trabalho especificamente na Superintendência, onde a gente coordena os grandes eventos, dentre eles o carnaval de rua, que fica sobre a nossa jurisdição.

É um evento muito grande que vem crescendo a cada ano, e a Secretaria Municipal de Mobilidade e Transporte, através da CET, entende a importância da discussão desse assunto. Então acho que este PL vem no momento oportuno, e estamos aqui para fazer todas as contribuições possíveis, para que a gente possa organizar da melhor maneira possível o carnaval de rua na cidade de São Paulo.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Obrigado, Júlio. Tem a palavra o Sr. Fabrício.

O SR. FABRÍCIO COBRA ARBEX – Boa noite a todos. Obrigado, Vereador Caio, pela iniciativa de nos chamar. Sou Fabrício Cobra, Subprefeito da Vila Mariana, que é responsável pela região do Ibirapuera, um dos lugares dos grandes blocos e também vários

blocos distrito de Vila Mariana, Moema e Saúde.

Vimos aqui ouvir as demandas da população, mas destacando alguns pontos. A Prefeitura trabalhou, e muito, nos oito meses que antecederam o carnaval, em conversa inclusive com o Promotor César Ricardo Martins que o Vereador citou aqui, para atender uma série de reivindicações foram que colocadas pela Promotoria. Várias ações foram feitas, inclusive a descentralização do carnaval, que acho que foi um dos fatores mais importantes neste ano: eram vários locais na Cidade com os grandes blocos no mesmo horário, para evitar os grandes tumultos na Cidade. Isso foi atingido com êxito, não houve nenhum grande momento de tumulto, porque os blocos estavam sendo realizados no mesmo horário, em lugares diversos da Cidade, como foi dessa vez na Marquês de São Vicente, na Tiradentes, Ibirapuera, Berrini. Quer dizer, foram vários locais para o público não se concentrar no mesmo local.

A questão dos bairros, a gente sentiu algumas reclamações. O que acho que pode ser aprimorado é sempre permanecer os blocos que têm ligação. O bloco menor, é importante que ele tenha uma ligação com o bairro, até para você ser abraçado por aquele bairro e sair por lá. Os blocos maiores saem nos locais que são feitos para os grandes blocos.

A questão que foi citada aqui da segurança, que o Caio falou, eu acho que o exemplo do Ibirapuera um exemplo importante, porque o Ibirapuera tem um controle de acesso, então, para as pessoas entrarem no local do Ibirapuera, passam por uma espécie de uma revista. Não podia entrar com garrafa de vidro, todas as bolsas eram revistadas. Isso traz mais segurança para o local, tanto que não houve quase nenhum caso de violência no Ibirapuera, porque tem esse controle importante, da proibição de garrafas de vidro, etc.

Mas obviamente sempre têm algumas coisas a serem aprimoradas, e essa é a importância do PL para criar alguns marcos. A questão do horário também, no Rio de Janeiro, começa muito mais cedo carnaval de rua, e termina mais cedo. Isso é colocado sempre pela Polícia Militar, pela Guarda Civil. Quando o carnaval adentra a noite, começa a ficar um fator de

risco maior, então acho que São Paulo tem que começar a tornar mais cedo o início do carnaval para que a gente possa terminar ainda durante o dia e, com isso, zelar pela segurança da Cidade.

Estamos aqui à disposição. Obrigado pelo convite.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Fabrício, obrigado pela presença.

Tem a palavra o Sr. João Grande, Subprefeito de Pinheiros.

O SR. JOÃO VESTIM GRANDE - Boa noite a todos. Cumprimentar as autoridades aqui, na pessoa do Vereador Caio Miranda; representante da CET, meu colega Fabrício; representantes da Polícia Militar e da Guarda Civil Metropolitana, todos os presentes e os que nos assistem pela TV Câmara.

Sou Subprefeito de Pinheiros e vou só pincelar alguns pontos, porque acredito que todos esses temas que foram colocados aqui pelo Vereador Caio e por aqueles que ele apontou, pelo Promotor César que vem conduzindo todo esse processo ao longo de cinco anos; então, vou só pincelar alguns pontos.

Lembrar que o carnaval é um fenômeno, uma manifestação cultural espontânea da sociedade. Acho que é preciso também quebrar um paradigma, Vereador Caio, de que o Poder Público idealizou um evento para angariar recursos. Isso me parece que é um pouco ao contrário: o carnaval fenômeno que vem crescendo nos últimos anos, e crescendo muito, é um fenômeno inevitável; e a tendência é aumentar. A gente precisa ter em mente que isso aconteceu de forma espontânea, até o momento em que Poder Público se viu obrigado a tomar para si a responsabilidade da organização, devido à proporção, ao tamanho que esse evento se tornou. Então é importante esclarecer isso.

Com relação à segurança pública, até porque a nossa região foi bastante afetada e sei que nossos colegas aqui da Polícia Militar, da GCM vão poder falar com muito mais propriedade, mas é preciso diferenciar o que é o problema do carnaval em si e o que a gente chama de pancadão. É uma analogia com aquele rolezinho que os jovens fazem no shopping

center.

Ainda amanhã estarei cedo no Comando Operacional Leste-Centro da Guarda Civil Metropolitana justamente para discutir essa questão de pancadão. No carnaval, como o Fabrício Cobra aqui bem colocou, a prefeitura tem se estruturado, tem planejado, tem organizado esse evento. Todos aqueles blocos que se inscreveram, que buscaram a Prefeitura receberam as condições, os equipamentos necessários para que fizessem uma festa bacana, bonita, agradável para os foliões. Claro, houve questões pontuais, de banheiro, nós vamos discutir aqui; mas o fato é que a Prefeitura está preparada para aqueles que a procuram e que se organizam para desenvolver o seu evento. Diferente do chamado pancadão, que aconteceu muito no Largo da Batata, em alguns locais da Vila Madalena. O pancadão nada mais é do que uma tomada irregular do espaço público. As pessoas hoje se mobilizam com muita rapidez, por meio das redes sociais, Facebook, Instagram e outras; e, da noite para o dia, aparecem 20 mil, 30 mil, 50 mil pessoas na Rua Aspicuelta, por exemplo, como aconteceu no nosso pré Carnaval. Não há planejamento que consiga a impedir esse tipo de atividade organizada por grupos que, muitas vezes, até se escondem ou se omitem sob as redes sociais. Então, é preciso separar a questão do pancadão daquilo é segurança do evento Carnaval, os 8 dias de Calendário Oficial do Carnaval.

Tivemos o apoio da Polícia Militar, da Polícia Civil, da Guarda Civil Metropolitana e tivemos poucas ocorrências e um balanço positivo, considerando o contexto geral de uma festa da qual participaram 11 a 12 milhões de pessoas nesses 8 dias de Carnaval. Obviamente, o maior problema é a incomodidade dos moradores, que são os mais impactados nas regiões onde há blocos.

Quero parabenizar mais uma vez o Vereador Caio pela iniciativa. Penso é muito oportuno este encontro para ouvir as sugestões, principalmente da sociedade civil organizada, sejam as associações dos moradores, os Conselhos, enfim, todos os que queiram se manifestar para que nós possamos receber essas sugestões, essas informações. Estou

absolutamente convencido, Vereador Caio, de que nós precisamos de uma legislação regulamentando mais detalhadamente esse evento do Carnaval.

Então, permaneço à disposição para discutir todas as sugestões. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Obrigado, João. Vamos passar para o nosso representante da Polícia Militar.

O SR. LUCIANO LUIZ DE SOUZA – Prezado Vereador Caio, na pessoa de quem cumprimento todas as autoridades presentes; senhoras e senhores, boa noite. A Polícia Militar é uma instituição bicentenária que faz cumprir as leis. Então, se a sociedade entender que tem que ter o Carnaval, nós vamos trabalhar no Carnaval. Se a sociedade entender que não deve haver Carnaval, nós não faremos a segurança dos blocos de Carnaval. No entanto, nós só precisamos lembrar que o Carnaval de rua é um evento aberto. É muito diferente, por exemplo, de um evento que é fechado, em que existe um controle de acesso.

Como o Subprefeito de Vila Mariana, comentou, nos locais em que nós tivemos controle de acesso, nós não tivemos problema. O maior problema que nós tivemos foi no Largo da Batata justamente por conta do tal do pancadão. Com o que nós chamamos de Faria Lima 1 e Faria Lima 2, que era um bloco de Carnaval, nós não tivemos problema. Nós tivemos problemas no Largo da Batata. Esta audiência pública vem justamente ao encontro do que nós da Polícia Militar estamos querendo, que é uma parametrização melhor, para organizar melhor, caso haja o carnaval de rua, para que consigamos executar a segurança de maneira mais eficaz. Porque todas as atividades feitas nesses eventos têm transversalidade com a segurança. Então, por exemplo, a falta de banheiros num local onde está tendo um bloco de carnaval vai impactar na segurança pública, na segurança das pessoas. A falta de postos médicos na quantidade necessária para atender aquela massa de pessoas também causará impacto na segurança pública.

Vimos aqui podemos para discutir esse assunto e sugerimos padrões. Existem padrões internacionais que poderiam ser utilizados de modo que o Carnaval ficasse muito mais

bem organizado e, com isso, a segurança pública também seria beneficiada, uma vez que existe essa transversalidade em tudo que é feito na festa, que vai impactar na segurança pública. Nós gostaríamos de agradecer o convite para participar e estamos aqui para mais uma vez tentarmos colaborar. Uma boa noite. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Obrigado, Luciano. Vamos passar agora para o nosso colega da Guarda.

O SR. WILSON BATISTA – Boa noite, nobre Vereador Caio, em nome de quem eu cumprimento de todos os componentes da Mesa. Boa noite a todos os presentes. Sou o Inspetor Wilson Batista, atualmente Comandante Operacional da Área Central. Estou aqui nesta audiência representando a nossa Comandante, a Inspetora Superintendente Elza Paulino. Eu estive presente no Carnaval deste ano aqui na área Central. Sou recém-chegado da Área Leste, sempre atuei na Área Leste e estou há praticamente dois meses na Área Central, tendo o prazer de trabalhar nesse Carnaval.

Particpei de algumas reuniões no Ministério Público juntamente com o Promotor César, que há 3 anos vem cuidando do evento Blocos de Carnaval na Cidade. Algumas das colocações que o nobre Vereador já fez aqui são bem afetas realmente ao Carnaval que ocorreu neste ano. Houve falta de banheiros químicos, sim; houve algumas lacunas na questão da programação, da segurança, do atendimento médico, sim. Como acompanhei todos os dias, tive 1,5 mil homens trabalhando diretamente ligados ao Carnaval em todos os pontos da área central, mais 275 viaturas durante todos os 8 dias de Carnaval. Então, eu pude ter acesso a essas informações diretamente com o meu efetivo.

Sobre os delitos, ocorreram alguns, sim, mas em menor quantidade do que no ano passado. No Carnaval do ano passado, eu não estava presente na região central, mas na região Leste eu pude acompanhar todos os comentários, pois nosso efetivo também foi empregado aqui em ação.

Esta audiência vem justamente a 1 ano de antecedência do próximo Carnaval,

vindo a calhar como uma solução para os próximos Carnavais. Os senhores presentes, nós autoridades de segurança, os representantes dos órgãos de saúde e dos organizadores dos blocos, todos vêm dar sua contribuição para um melhor Carnaval. Como disse o Vereador, o Carnaval ele já enraizou na cidade de São Paulo, como em outros Estados, onde já é um evento permanente. Então, acredito que nós só temos a contribuir para que haja uma melhora, que ele seja um Carnaval seguro, que os foliões e os moradores tenham seus direitos preservados e posso usufruir desse evento nos dias em que ele acontece.

O Nobre Vereador ele fez um uma citação quanto ao pré-Carnaval e o pós-Carnaval. Pelo que eu acompanhei, pelo que nossa equipe nós já discutiu, nós temos até um ponto de vista; mas é interessante, posteriormente, ouvirmos os senhores e todos os os demais participantes da Mesa para que cheguemos a um consensos. No momento, é o que eu tenho a passar aos senhores, e fico à disposição para os questionamentos. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) - Obrigado, Wilson. Agora, vamos abrir a palavra para que vocês possam participar, conforme as inscrições. Usualmente, usamos 3 minutos de tempo estipulado para que as pessoas possam falar. Estou com uma lista já com três escritos. Quem quiser, é só se inscrever na sequência.

A primeira pessoa inscrita é a Sra. Joana Darc Figueira, representante da Armênia Ponte Pequena e, num segundo momento, Tiago Pizarro, do Bloco Amigos da Vila Mariana, e, logo depois, o Saul Namias, Presidente do CONSEG, Bom Retiro.

A SRA. JOANA D'ARC FIGUEIRA – Boa noite a todos. Eu agradeço a oportunidade ao Vereador Caio pela iniciativa da Comissão. Venho declarar que, assim como o pessoal do Bom Retiro, estivermos em todas as audiências do Ministério Público, acompanhamos, e colocamos que o cuidado que deveria ter com esse novo experimento que seria Avenida Tiradentes.

Nós tivemos o grande problema de deixar ilhado o bairro do Bom Retiro e todos os moradores. Temos um contingente ali na Armênia, Bom Retiro, entrada da zona Norte, que é o

nosso perímetro e que delimitamos três territórios. Estávamos no olho do furacão onde saíram todos os blocos. A concentração era exatamente na confluência da Tiradentes, com Avenida do Estado. E nós por conta disso acompanhamos. Estivemos no centro de gerenciamento da Polícia Militar. Estivemos em loco todos os dias, para tentar mitigar danos que foi uma negociação que fizemos com o Ministério Público, porque já estava estabelecido que teria.

Ficou comprovado que a Avenida Tiradentes não comporta megablocos, não tem a menor condição. Temos passarelas lá que, a princípio foi colocado o que seria isolada, para que as pessoas não usarem como o camarote e não teve isso. Nós tivemos que ficar monitorando e cobrando a prefeitura Regional, a subprefeitura que seja. O Subprefeito e sua assessoria, todos os dias, para que pudesse reforçar todo esse aparato. A prefeitura estava presente, com toda a equipe de limpeza, um mutirão de esforços e vimos que realmente Carnaval custo zero não teve, por que todo esse aparato é dinheiro público também, independente do fornecimento e dos patrocinadores.

O maior problema foi a liberação de bebida alcoólica para menores. Nós vimos muito isso. Não tinha nenhum critério, o banheiro público tinha, mas as pessoas têm prevenção porque não sabem o que vai encontrar e o estado que está, as pessoas preferem fazer as necessidades nos muros das casas, nas entradas dos prédios. O pessoal do Bom Retiro realmente ficou em maus lençóis, com tudo isso. Tudo que a Vila Madalena já vive há alguns anos e que Pinheiros vive, então, nós sofremos na pele.

A nossa vantagem foi que a Prefeitura por ter levantado a questão de que a estação Armênia do metrô não daria a vazão foi fechada. E com isso nós ficamos um pouco mais confortáveis com relação à demanda no local. Então, as pessoas vinham do Tietê, mas superlotou a Tiradentes que ficou um horror, nós acompanhávamos ali de perto. Teve depredação, e as praças ficaram terríveis. As pessoas caídas pelas esquinas. Quem lucrou foram os botecos que deram a sorte de abrir para poder vender bebida alcoólica a todas as pessoas. Mas não tinha nenhum crivo de cuidado para com esses jovens e adolescentes que

consumiram todos os tipos de bebida e também existia droga e existia até, infelizmente, pessoas que abusaram de não ter nenhum pudor para poder estar e fazer o que quisessem na rua. É uma questão de educação, com certeza, não temos como evitar, teria obvio que há problema de família, mas, com relação ao poder público, ele enquanto uma lei que regulamentasse isso e deixasse umas diretrizes extremamente claras é o que nós precisamos.

Definitivamente a Avenida Tiradentes não comporta. Espero que esse experimento que foi feito lá, não se repita no ano que vem porque foi um terror. E isso realmente... a Polícia viu. Nós até conversamos lá dentro do Centro de Gerenciamento que uma opção seria a Marginal. Por que não a Marginal? Carnaval de rua não pode ser cerceado. O prefeito da Vila Mariana falou que lá no Ibirapuera tinha controle de acesso, mas o Ministério Público disse que uma das filosofias e, com a Prefeitura foi negociado isso, que o Carnaval de rua não pode ter cerceamento. Agora se lá tinha controle de acesso, é um show. Então show nós temos outros locais, inclusive o autódromo de Interlagos, ou até as marginais Pinheiros e Tietê.

Poderia ser feito um estudo e um projeto extremamente importante para que não fechasse a Cidade, deixasse a Cidade liberada.

Agradeço a oportunidade.

O SR. THIAGO PIZARRO – Boa noite a todos, meu nome é Tiago, sou representante do bloco os Amigos da Vila Mariana e o bloco que eu faço parte faz Carnaval desde 2002. Nós fizemos 18 desfiles na região da Vila Mariana, então, alguma expertise a gente tem e daí a necessidade da manifestação.

A minha fala tem haver, muito a ver, com a reunião de hoje, que motivo é uma análise da CCJ com relação a esse projeto de lei. Eu queria começar a manifestação com uma proposição para a expressão “poderá” que está no artigo terceiro deste projeto, para que se transforma em “deverá” para que seja uma obrigação do Estado em garantir o Carnaval. Até porque, mais uma vez, nós estamos numa Comissão de Constituição e Justiça o dever do Estado está em plena consonância com que diz o artigo sexto da Constituição Federal, que fala

do dever do lazer, dever a segurança, com a compatibilização constitucional do artigo 70, que fala do desenvolvimento econômico, com o 215, que fala da cultura e o 225, que fala do meio ambiente.

Então, o que a gente precisa fazer aqui: compatibilizar desenvolvimento ambiental, meio ambiente, inclusive o meio ambiente artificial, a gente precisa compatibilizar isso com a segurança da população e também com a manifestação cultural. O carnaval é uma realidade que é imutável. Não se freia o Carnaval, não se impede o Carnaval, da mesma forma, que não vai se extinguir o pré-carnaval ou pós-carnaval. O bloco que eu faço parte faz Carnaval desde um tempo em que existia a verdadeira repressão. Em 2002, que foi nosso primeiro desfile, o pessoal saía na rua, e o que a Polícia fazia? A Polícia reprimia, mandava parar e fazia força para sair. Em alguns anos existiu até quase que um conflito para um grupo de estudantes, vocês podem ver pela minha feição que eu não tenho tanta idade assim para ter 18 Carnavais e já ter sido adulto, para um grupo de adolescentes que saiu para comemorar o Carnaval ser reprimido.

Passamos por todas as fases na Cidade. Nosso bloco hoje tem uma previsão de 10 mil pessoas e, com relação a um dos problemas, a gente sempre saiu com o apoio da associação de bairro, com os moradores, sempre foi e sempre existiu essa compatibilização e participação. Quem vê o relato do nosso bloco, a gente sempre vê nas fotos que a gente tem no *Facebook* e no *Instagram* os moradores do bairro na janela dos prédios, saindo na frente das casas. Obviamente, que já existiu incômodo da parte de um ou outro morador. O que o nosso bloco fez foi sempre tomar o cuidado de avisar. E esse é o dever que o Estado tem que fazer com quem é contra quem não gosta, com quem não quer participar.

É dever do Estado preparar, avisar, como faz com várias manifestações. Obviamente que todo mundo sabe que a gente mora em São Paulo passamos por várias restrições de lei do zoneamento, de rodízio de veículos, e o que acontece: a solução é sempre a compatibilização e o agir do estado, avisando a população, fazendo a equalização correta. A

grande questão, trazendo até e já dando a manifestação do bloco sobre os pontos levantados. Primeiro ponto: é essencial a manutenção tanto do pré, quanto do pós Carnaval. E eu aviso porque antigamente se fazia Carnaval durante o mês de janeiro inteiro ou durante o mês de fevereiro, se estendia por quase um mês de festa. Ficava muito espaço. Você possibilitava que as pessoas escolhessem e participassem no máximo de blocos possíveis.

Essa compressão do Carnaval, em três finais de semana, faz justamente com que aconteça uma dispersão dos blocos. A pessoa tem de escolher em que bloco ela vai. E isso sim possibilita um pouco da dispersão e evita o acúmulo que existiu. A gente tem uma experiência de completo sucesso na Vila Mariana. Está aqui o Fabrício, o Subprefeito da região. Posso dizer que tem, existia um Carnaval, tem aqui o representante, o Felipe, de um dos chamados blocos grandes, que em um dia, eu e o Fabrício estávamos, mais de 400 mil pessoas no Ibirapuera, sem nenhum incidente, com a maior tranquilidade possível. Isso é prova suficiente que se pode fazer um Carnaval, pode ser na Marquês de São Vicente, na 23 de Maio, no lugar que for, com um número elevado de pessoas, basta ter organização, basta ação do Estado.

Este ano existiu um problema gigantesco com relação aos banheiros químicos no meu bloco. No ano passado tivemos o número suficiente de banheiros químicos para 10 mil pessoas. A Prefeitura disponibilizou um número suficiente de banheiros. Neste ano, em um Carnaval que teriam 10 mil pessoas na Domingos de Moraes, havia seis banheiros químicos. Nós tivemos que providenciar no dia. O que acontece? Mais uma sugestão como está no artigo 4º da lei, que está falando que vai ter dotação própria para o Carnaval.

Opinião particular minha: É essencial a participação do setor privado. É essencial a entrada de capital privado para garantir a organização do Carnaval. O Poder Público não tem a menor condição de arcar sozinho com o Carnaval, do tamanho que é o Carnaval da cidade de São Paulo. Agora, dentro dessa minha conversa de participação, o que é essencial? Qual foi a maior diferença deste para o ano passado? No ano passado a licitação se resolveu em

novembro. Em novembro já existia uma empresa, todo mundo sabia quem era, e aí sem entrar no mérito das questões das licitações ou não, já existia essa empresa pré-determinada, a organização saiu no ano anterior. Eu acho que é insuficiente. O ideal é que se faça isso em maio. Em junho se comece a fazer essa licitação, já saia o vencedor já começa o cadastramento de todo mundo. Pode existir o cadastramento tardio, sem problema nenhum. Pode existir a entrada, a ideia de Carnaval é livre. Pode existir quem decida fazer o Carnaval em janeiro, mas já caminhando aí para encerrar - até para que todos possam falar -, a questão, essas duas sugestões, é essencial a participação do capital privado. É essencial que o Estado, que a Prefeitura, comece a organização, defina qual ente do setor privado vai definir, em maio junho, e também é necessário uma participação efetiva da polícia, que neste ano nós não tivemos participação, aliás, um dos pontos que atrapalhou foi a GCM, Coordenação a Guarda Civil Metropolitana, e o CET.

Em todos os anos existiu uma facilidade muito grande de definição de itinerários. A gente nunca conseguiu entender a dificuldade que a CET teve neste ano para definir um projeto simples do nosso bloco. Foi uma coisa que conseguiu viabilizar o desfile em avenidas grandes e no que diz respeito a um bloco de bairro intermediário de 10 mil pessoas foi uma situação que trouxe um problema gigantesco que até hoje não entendemos, mas eu tenho certeza de que se acatada essa sugestão da organização, a partir de maio, até fevereiro do outro ano, é completamente possível de ser resolvida.

Então minha manifestação era essa, era só trazer essas ideias e ressaltar aqui o debate para todos. Muito obrigado. Boa noite.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Obrigado Tiago. Com palavra o Saul Namias.

O SR. SAUL NAHMIAS - Boa noite a todos! Boa noite às autoridades. Quero agradecer ao Vereador Caio Miranda pela iniciativa, porque uma das coisas que a gente mais sente falta em relação ao Poder Público é ser escutado e aqui a gente está tendo essa

oportunidade. Em nome até do Conseg do Bom Retiro, dos moradores, a gente agradece.

A primeira coisa que eu queria falar, até discordando de alguma das falas que já foram colocadas, é a questão de discutir o uso do espaço público que não é consensual fazer eventos, especialmente, que implique em perturbação de sossego, seja alguma coisa consensual e está se almejando.

Então a gente começa com um discurso... O Carnaval está crescendo exponencialmente, não tem limite tudo vai até o infinito. Nós temos aparelho até de segurança para dar conta de tantos e tantos eventos concentrados na mesma data? Essa é uma pergunta que faço sempre à Polícia Militar, à GCM, porque o que eu tenho observado é que teve carência em várias áreas, não só na Tiradentes, no Bom Retiro, mas também em outros lugares. Esse seria um aspecto.

O aspecto que o Vereador disse a respeito de bebida para menores, assim, a gente dividiu um grupo com alguns moradores e fomos em campo ver como é que estava, ou seja, uma coisa é quando você vê pela TV o Carnaval visto de cima. É legal. Muita gente, tal. Agora, outra coisa é quando você vai e vê num rasante de perto as coisas. Então realmente essa questão de bebidas para menores, não são só bebidas. Têm muitas outras coisas que rolam, como os senhores devem saber, e não há controle nenhum.

Eu acho engraçado que é proibido comercial de cerveja antes das 21 horas, mas na rua você via uma distribuição de toldinhos da *skol* fartamente. Esse é um aspecto. Eu acho que é sim importante repensar algumas coisas, por exemplo, eu acho que o morador e o espaço público em torno dele têm de ter precedência. Ele paga imposto para estar ali e para ter sua vivência, necessariamente não está querendo que tenha um evento que vai impedi-lo de sair de carro ou impedi-lo de pegar transporte público, como aconteceu no Bom Retiro. Havia senhoras que nem sabiam o que estava acontecendo. Vieram perguntar: “Ah, mas onde eu pego o metrô?”. A senhora pega ali, mas vai ter que dar toda volta para pegar, porque senão não ter jeito, porque ônibus não vai passar aqui. Então começou a criar uma série de

problemas para pessoas que nem estavam sabendo.

Outra coisa, esse conceito novo de Carnaval que entrou aqui. Antigamente, bem antigamente, o Carnaval era um evento acústico: bateria e as pessoas cantando no gogó. Hoje entrou o aspecto do trio elétrico que aumenta e muito os decibéis. E nós tivemos um problema no Bom Retiro, tiveram vários prédios que tiveram abalo e teve um que chegou a chamar a defesa civil e os moradores mandaram vídeos mostrando como a porta estava vibrando, tamanha a vibração que vinha do carro do trio elétrico. Então é diferente uma coisa de um Carnaval acústico e outra coisa é um trio elétrico com as caixas, em que cada uma tem a sua potência, mas com certeza, passaram do limite. No aspecto da Tiradentes, o Corredor Norte-Sul ficou travado, o que implicou a gente ter contato com os moradores da zona Norte, que também ficaram travados, tiveram dificuldades para passar, porque estava fechado o acesso.

A questão dos banheiros: claro que faltou banheiros em vários eventos, a gente ficou sabendo por outros Consegs, mas mesmo quando têm muitas vezes as pessoas especialmente os homens preferem não usar. Tem garagem à disposição, tem árvore... Por que estou falando isso? Porque ele não foi coibido. Eu, infelizmente, tive de retratar, muitos policiais passaram, GCMs passaram, tinha gente urinando na frente e não fizeram nada. Eu sou testemunha disso. Então como é que fica? É ilegal, mas pode na época do Carnaval? Então, não sei. Houve vários delitos que, às vezes, não entram nos registros. Infelizmente, pedimos para as pessoas fazerem BO, mas não entram nos registros oficiais.

O que eu quero dizer com isso? Por exemplo, houve um posto de gasolina em que, assim que a PM foi embora, o pessoal que estava lá bebendo resolver saquear e roubar as coisas do posto. Aí, eles tiveram de fechar urgentemente, porque já estavam começando a depredar o posto, inclusive, mexendo nas bombas e tudo mais. Falamos: “Vocês não vai fazer BO?” Disseram: “Não, nós temos medo. Não queremos fazer. Está tudo certo.” Contudo, é aquela coisa: surgiu exatamente no final do evento. Já estava à noite.

Outra questão: sabemos que o Carnaval é uma tradição. Agora, com esse novo tipo

de Carnaval, que veio a partir de 2014, o que acontece? Você tem todos os estilos musicais. Tudo bem. Gosto cada um tem o seu, mas defendemos que, para não ficar essa guerra de empurrar para um bairro e para outro bairro, alguns tipos de eventos, especialmente os de grande porte, sejam feitos em locais, assim... Ou parques, ou o Autódromo de Interlagos... Há avenidas que não têm impacto em residência nenhuma. Tive uma reunião com alguém da CET, que me colocou vários exemplos de lugares bons, que são só comerciais e não têm residência nenhuma por perto. Enfim, há vários lugares em que o impacto seria menor.

Então, basicamente, seria isso o que eu teria para colocar e agradeço, aqui, o espaço cedido. Muito obrigado, gente.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Valeu. Candinho Neto é o próximo inscrito. Representa a Banda do Candinho e Mulatas.

O SR. CANDINHO NETO – Muito boa noite a todos. Muito obrigado pela oportunidade. Quero, realmente, parabenizar as autoridades parlamentares, principalmente aqui, nesta audiência – a executiva e, principalmente, as de Segurança Pública, porque, evidentemente, sem Segurança, não há possibilidade de se fazer qualquer evento. Falo isso de cátedra, porque a Banda do Candinho é de 1981 ou 1982 e nós sempre tivemos a presença das autoridades policiais, exceto neste ano, devido à falta de entrosamento – e a minha fala vai, pontual, aí –, porque, uma hora, esse carnaval está em uma secretaria e, outra hora, está em outra.

Não há uma verticalização, um entrosamento. Eu não sei se é por vaidade. Há secretários que puxam para si essa incumbência. O que é que tem a ver a Subprefeitura comandar um Carnaval? Ela tem de dar infraestrutura, mas ela não pode comandar. A de Cultura não entende. A de Turismo não é a responsável. Aí, ficam banalizando.

Aí, é que eu falo, também, com relação ao que disseram aqui, do início desse Carnaval ou pré-Carnaval. Não vamos fazer do Carnaval de São Paulo o que foi feito no entrudo em 1832, quando daquela violência toda. Quem é um pouco versado em cultura

carnavalesca sabe o que foi o entrudo. Jogavam umas coisas nas outras e tal. A polícia bloqueou. Isso vai até 1856, quando, então, se cria a primeira Sociedade Carnavalesca Piratininga, aqui, no Triângulo Paulista, nas ruas São Bento, Direita e XV de Novembro – então, Rua da Imperatriz. A partir daí, vários movimentos, a partir do século XIX e, depois, entrando no XX, com curso pela Cidade...

Várias vezes, esse Carnaval, que não é invenção desta geração... É lá de trás, quando o Papa Gregório cisma ou entende que a Igreja, a senhora de tudo na época, criou a questão da Quaresma, a questão da Páscoa, a questão da Semana Santa e que, três dias antes da Quaresma, tinha de ter o Carnaval, que chamou-se “a festa da carne”. Por isso, é Carnaval.

Aí, o que ocorre? Vindo para as proximidades, a partir de 1972... É claro que o Bloco Esfarrapado é de 1947, mas ele tinha uma ingerência no Bixiga. Hoje, talvez esteja um pouco maior devido a outras injeções de ânimos, de possibilidade que ganhou, mas o Plínio Marcos, esse, sim, traz para São Paulo a questão da Banda Bandalha, nesse modelo que está aí, ampliado muitas e muitas vezes. Aí, vêm a Banda Redonda em 1974 e a Banda do Candinho em 1981 ou 1982. Há a Trem Elétrico. Há a Bantantã, lá, do Butantã. Há a UMES Caras Pintadas.

São bandas que vieram nesse Carnaval romântico, capaz de não atrapalhar quem quer que seja, e o que acontece? Por que eram noturnas? Por que viraram noturnas? Porque São Paulo era chacota. Plínio Marcos, mesmo, trouxe a Bandalha para São Paulo de tanto que os cariocas riam da nossa cara. Essa é a expressão popular. Riam da nossa cara: “São Paulo não tem cordão. Cordão de São Paulo é isolamento. São Paulo não tem bloco. Bloco, em São Paulo, é bloco de concreto.” E coisas assim...

Nós sabemos. Quem tem algumas décadas, como eu... Vou fazer, se Deus quiser, em 2 de dezembro, Dia Nacional do Samba, 70 anos de idade. É em dezembro, agora. Sempre participei do Carnaval de Vila Esperança, Vila Matilde. Assistia aos grandes acontecimentos do

Rio de Janeiro, que eram transmitidos. Aqui, no Anhangabaú, eu tive a grata satisfação de ver o Salgueiro, com o Zuzuca: “Olelê, olalá, pega no ganzê, pega no ganzá!” Quer dizer, são coisas desse tipo que nós temos de ter em mente.

Não será uma canetada, uma lei, que irá dizer: “Olha, não há mais pré-Carnaval em São Paulo.” Perfeito? Foi o que aconteceu com a Subprefeitura, este ano. Ela simplesmente aniquilou as bandas noturnas. Certo? Tem de ser sábado e domingo. Tem de ser no período do Carnaval e, depois, no pós-Carnaval, o que eu aplaudo. Está certo?

O Carnaval é uma coisa profícua e está enraizado na cultura popular desse povo. Hoje, não se fala mais em povo pobre, porque é de “a” a “z”. Está certo? O Carnaval está, assim como o futebol, para o povo brasileiro. Não se pode pensar em acabar com as bandas noturnas. O pré-Carnaval é fundamental, porque, antigamente, além da chacota, todo mundo viajava. Todo mundo saía. Hoje, todo mundo fica em São Paulo por conta desse grande Carnaval.

Também não venham dizer, como foi dito aí, que não tem lucro a Prefeitura. Bravatas! Porque a Cidade está cheia, os hotéis arrebentando, restaurantes, enfim... O imposto jorra, além da verba direta que as cervejarias injetam. Eu duvido que, além dessa questão, de que o Carnaval não é do povo... O Carnaval é uma questão Nacional.

Na ditadura Vargas, tentou-se acabar com o Carnaval. Aí, foram conversar com o então ditador. Aí, o que aconteceu? Ele voltou atrás. É claro que exigiu que esses temas em homenagem ao Brasil fossem cantados. A outra, histórica, que o Barão do Rio Branco, talvez a maior autoridade da chancelaria nacional... Questão do Acre e outras questões... Morreu em 1912, no período do Carnaval. O que fizeram as autoridades? Três dias de luto e transferiram o Carnaval para abril. O que aconteceu? Brincou-se o carnaval e brincou-se em abril.

Está é a cultura do brasileiro.

Muito obrigado e parabéns pela iniciativa. Agora não acabe com o pré-carnaval porque ele é histórico e muita gente fica em São Paulo por conta dele.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (CAIO MIRANDA) – Essa é uma primeira audiência pública. Quero ressaltar que a falta de legislação limita o poder executivo e as autoridades a cumprirem o Decreto e a organização dá vez quando muda a gestão. Como o carnaval, de fato, se tornou uma realidade, de inúmeros, também se tornou uma realidade em problemas que podem ser contornados com planejamento e organização. A legislação dará as condições para isso.

Vamos seguir a lista: Bruno Lancelotti, do Bloco Skaravana.

O SR. BRUNO LANCELOTTI – Boa noite, Vereador. Boa noite companheiros, componentes da mesa de debates, todos e todas representantes de Blocos, assim como eu, presentes.

Já estive dos dois lados: trabalhando no carnaval de rua. Hoje sou integrante de Bloco, mas já atuei dentro do Poder Público, como produtor independente, dos que são contratados, muitas vezes, a gestão do carnaval e a coordenação do carnaval de rua. Então, tenho experiência com isso.

Atuei em 2013-2014 na constituição dos seminários de carnaval de rua, que foram marcos importantíssimos para a Cidade debater os destinos, do que se queria que fosse, ou seja estou falando do presente e do futuro do carnaval de rua da Cidade e, também, atuei na Secretaria Municipal de Cultura e Secretaria Municipal das Prefeituras Regionais, na coordenação geral do carnaval de rua de São Paulo.

Queria agradecer bastante o Candinho pelo preâmbulo que foi feito para apontar a historicidade do carnaval, para que a gente tenha consciência de que o carnaval é tão antigo quanto o Brasil.

Alegar desconhecimento do carnaval para não planejá-lo ou para não atuar dentro do carnaval é uma coisa que brasileiro nenhum pode fazer – os que gostam e os que não gostam do carnaval têm conhecimento de qual a época do carnaval, data de conhecimento de todos.

Eu queria apontar algumas questões: primeiro, o carnaval é um período de excepcionalidade dentro da agenda do brasileiro de forma geral; são poucos dias durante o ano, quando temos um evento dessa envergadura, para o qual, talvez, a gente precise de medidas de planejamento que entendam que é um período excepcional, curto.

Que as pessoas que gostam e as que não gostam entendam que o carnaval passa, os Blocos passam e o incômodo pode passar também. Eu não era folião de carnaval até trabalhar dentro do carnaval em 2013. Hoje, sou um apaixonado pelo carnaval.

Entendam que o carnaval é uma manifestação cultural espontânea, os blocos se formam no momento do carnaval, as pessoas se conhecem num bar, se juntam três ou quatro pessoas, festejam assim o carnaval. Essa é uma marca.

Então, como pensar no planejamento de algo que pode ser espontâneo e como prever o que diz o próprio artigo 5º da Constituição Brasileira, no sentido de que temos direito à livre manifestação, obviamente, resguardados os direitos dos outros, como todos sabem.

Vou fazer os apontamentos diretos a respeito do meu Bloco, por exemplo, que, apesar de ter todo o histórico dentro do carnaval e conhecer diversas pessoas que trabalham dentro da SPTuris e das Secretarias que mencionei, não recebemos nenhum banheiro químico.

O meu Bloco saiu – eu vou concluir – no Bexiga, na região central, Suprefeitura da Sé. Nós não recebemos nenhum banheiro químico; não recebemos nenhum atendimento de ambulâncias, embora a gente tenha oferecido croquis, mapas, endereços, locais de posicionamento para esses banheiros. Eu sequer tive respostas objetivas das pessoas porque elas foram contratadas com 10 dias, uma semana de antecedência à realização do Carnaval e não eram todas pessoas aptas a trabalhar com grandes eventos de rua, como é o Carnaval e como são vários outros eventos da Cidade.

Muitos blocos conhecem e receberam apoio de gente que veio de Porto Alegre, de Curitiba para atuar dentro do Carnaval sem ter um conhecimento de território, de quem eram os blocos e questões como essa.

É importante dizer que não há na Cidade, temos uma ausência de um grupo de trabalho permanente do Carnaval de rua e de outros eventos de rua de natureza parecida e isso faz falta para a Cidade de forma geral. Se formos hoje à Secretaria das Prefeituras Regionais, que é quem detém a primazia na organização do Carnaval de rua da Cidade, nós não vamos encontrar um departamento que cuide disso.

Também mencionar que nós gostaríamos – os blocos, o meu bloco também é parte do Fórum dos Blocos em São Paulo, meu bloco também é parte do Arrastão dos Blocos, são dois movimentos muito significativos do Carnaval de São Paulo – transparência na prestação de contas porque quando eu digo que não houve banheiro químico, não houve ambulância e havia 16,1 milhões de reais para a realização da estrutura desse Carnaval, que não sabemos para aonde foi esse dinheiro e o que será feito desse dinheiro que foi aportado pelo patrocinador. Pode estar em algum cofre público e poderia neste momento, por exemplo, estar sendo útil para diversas questões do Carnaval e da Cidade de forma geral.

Temos de tomar cuidado também porque o Carnaval que temos hoje no Anhembi, por exemplo, é resultado de uma motivação de determinados blocos de se constituírem em uma associação ou numa liga e de uma disputa competitiva. Isso não tem nada a ver com a formulação do que a gente tem do Carnaval de rua, hoje, aqui em São Paulo, inclusive musicalmente falando.

O Carnaval de rua é muito além do samba presente na Cidade, por isso até que está tendo este tamanho.

Então, termos cuidado e não passar por um movimento de termos dois Carnavais de rua: um de megabloques e um de blocos de bairro. Levantar também, Vereador, a questão do fomento aos blocos comunitários. Houve uma promessa da Secretaria das Prefeituras Regionais que haveria um milhão de reais no carnaval deste ano para blocos comunitários e não se sabe como isso foi aplicado.

Falar da precariedade das contratações dos recursos humanos, de gente que veio

de fora e recebeu valores ínfimos para trabalhar dentro do Carnaval de rua da Cidade, pessoas foram dispensadas de emitir mesmo a nota fiscal ou mesmo de assinar um recibo de prestação de serviço de autônomo para estar trabalhando.

Lembrar de falar de redução de danos no Carnaval, uma atitude muito simples. Falta na Mesa, por exemplo, um representante do Corpo de Bombeiros da Cidade que presta muitos atendimentos e que poderia no Carnaval, por exemplo, dar uma coisa que essencial para quem quer falar de redução de danos com bebida alcoólica, com drogas e tal. É uma água. No Carnaval de rua de São Paulo não se distribui um copo de água para a população, as pessoas ficam em coma alcoólica largadas na rua e não tem água. Desses 16 milhões de reais, não sei quanto foi contratado em água. Os Bombeiros poderiam ter nesses megablocos, por exemplo, distribuir a água, jogar água no público presente no calor que faz no Carnaval e etc.

E aí, especialmente, até temos um representante da Polícia Militar na Mesa, é importante a gente falar da atuação da Polícia Militar no Carnaval, da que houve no Carnaval deste ano com a sua fanfarrinha clandestina e com o Agora Vai dos episódios que foram vistos na televisão com tiros de bala de borracha em gente que estava indefesa.

É isso, obrigado pela atenção. Desculpe exceder o tempo.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) - Eu vou pedir para respeitar o tempo senão vai estender e quem está inscrito não vai conseguir falar. Vou por o relógio.

Quanto a sua última fala na questão da permanência, inclusive vou propor que a gente tenha uma subcomissão permanente, talvez do Carnaval de rua para que a Câmara possa ao longo do ano atender anseios dos blocos, da população, das autoridades e não ficar uma coisa episódica refém do calendário. Senão é isso, a gente vai sempre falar do Carnaval anterior, só que muda a gestão, nessa gestão mesmo mudou o Prefeito, é muito dinâmico. Então, para não ficar dependente de gestão, ter uma permanência. A Câmara consegue dar mais estabilidade para uma discussão desta do que o Poder Executivo.

O próximo inscrito é o Flávio Fontes de Moraes.

O SR. FLÁVIO FONTES DE MORAES – Boa noite a todos. Sou do Jabaquara.

Tem uma passagem no Carnaval de São Paulo, de 2005 a 2012, eu participei direto da Liga das Escolas de Samba junto com Robson de Oliveira. Meu pai é um dos fundadores de uma escola de samba que se chama Flor de Lis, que fica na zona Sul. Eu sou diretor de eventos da União Independente da Zona Sul, que fica ali no Jabaquara.

Eu tenho algumas perguntas diretas. Eu tenho um questionamento com o Sr. Subprefeito Fabrício Cobra que ele falou que tem controle de bebida no Ibirapuera. Concordo com o senhor em parte. Pelo que eu entendi, tem controle de garrafa, para não entrar garrafa, mas de bebida...se o senhor for a qualquer hora na orla do Ibirapuera, vão ter menores bebendo ou tendo acesso a bebida.

Outro questionamento vai para o Sr. Prefeito João Grande, da Prefeitura Regional de Pinheiros. Na realidade não é diretamente do Carnaval, mas tudo que acontece na região de Pinheiros. Eu, há pouco tempo, fui a Rua Simão Alves, que minha namorada da aula de samba-rock, e toda vez que a gente vai lá a gente é parado pelos flanelinhas. Se você não paga os flanelinhas, o cara risca o seu carro. Isso também deve acontecer no Carnaval em outras áreas.

Também, Caio, uma região muito importante do Carnaval é o Butantã que eles fazem o acesso dos blocos para o Carnaval de São Paulo, pela UESP, quem é do Carnaval conhece.

Outro ponto é em relação ao Psiu. O Psiu, após as 22h, qualquer bloco ou escola tem problema nas Prefeituras Regionais. Então uma opção que seria viável é fazer quadras acústicas, que aí você tampa o som e não incomoda a população.

Na região da Cidade Ademar tem um bloco que chama Vai Tomar na Cupecê, que fez um pré-carnaval que não teve nenhuma confusão. Já faz dois anos que acontece lá.

A Polícia Militar falou dos pancadões. Mas isso é relativo, porque manifestações de cultura e locais diferentes são considerados relativos. Por exemplo, um encontro de música

eletrônica na região de Pinheiros ou da Vila Mariana é compreendido, mas, mais para periferia, é essa a música ouvida, pancadão e RAP. Por isso, o Poder Público tem que dar mais opções para o pessoal da periferia. Sugiro CEUS e clubes, que podem ser usados.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Tem a palavra o Sr. Emerson Nunes de Oliveira, Diretor Presidente do Bloco Banda das Cachorras e Presidente do Clube de Lojistas da Vila Matilde.

O SR. EMERSON NUNES DE OLIVERA - Boa noite, Vereador e senhoras e senhores. Todos me conhecem porque sou também um dos autores da iniciativa do Vereador com relação ao projeto 279/ 16, que disciplina e orienta o carnaval de rua na cidade de São Paulo, uma cidade de 19 milhões de habitantes.

O Sr. César Ricardo Martins, 5º Promotor de Justiça de Habitação e Urbanismo da Capital, que vem periodicamente tocando no Ministério Público as reuniões junto com o Poder Público. Lá está sendo discutida essa questão de organizar e disciplinar o carnaval de rua na cidade de São Paulo, já que o pré e o pós-carnaval já faz parte do calendário. Somos livres e democráticos e não há como cercear o carnaval. Não se pode confinar o carnaval, como eu disse à própria Polícia Militar do Estado de São Paulo. Policiamento no carnaval de rua tem que ser preventivo e não criminal. Não vamos corrigir a criminalidade na cidade de São Paulo; temos que ter um policiamento preventivo. A própria GCM pode colaborar com isso. Não vamos consertar o comércio informal, que é realidade na cidade de São Paulo, com carnaval de rua. O que precisamos é de um maior investimento do Poder Público e da iniciativa privada na organização do carnaval de rua.

Não fazemos críticas, mas temos que solucionar a questão, e não está longe de isso acontecer. Precisamos da cidade de São. Precisamos, sim, dos Conselhos de Segurança para colaborar conosco na questão do carnaval de rua, Precisamos dos Conselhos Participativos para colaborar com o carnaval de rua.

Problemas, nós temos, mas temos mais ainda pontos positivos. A arrecadação de impostos é gigantesca, e isso tem que ser convertido também para os blocos, porque nós pagamos o Poder Público para fazer a festa. E sabe qual é o retorno que nós temos? Nenhum, zero. Recebemos, sim, muitas críticas, que são infinitas.

Faço esse apelo ao apoio do PL na sua íntegra, e somos contra o substitutivo do Vereador Milton Leite, que é inaceitável por conta dos blocos. Carnaval de rua da Vila Matilde é lei. Nós já estamos no calendário oficial da cidade de São Paulo, já fazemos parte dele. Somos o único bairro da cidade de São Paulo cujo carnaval de rua é oficial, e só temos problemas porque eles querem nos incluir no decreto, e eu sei o que o nosso amigo Candinho Neto sofre por conta de estar inserido em outra parte da legislação. Temos que nos concentrar nisso.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Tem a palavra o Sr. Marcos Campos, do Bloco Eco Campos.

O SR. MARCOS CAMPOS – Boa noite à Mesa, às Associações Amigas de Bairro, aos representantes dos blocos de rua, aos representantes do Poder Público e demais participantes. Falo em nome dos blocos e do meu próprio bloco, o Eco Campos. Faço parte fórum, do Manifesto Arrastão e também faço parte da UBCRESP.

Tenho percebido que todos nós dos blocos de rua estamos nos preocupando em nos organiza. Em setembro, já estávamos com tudo em planilhas, somente aguardando uma resposta da Prefeitura, da Secretaria de Cultura ou dos órgãos competentes, mas não obtivemos nenhuma resposta, que só veio duas semanas antes do Carnaval, que acabou sendo atropelado. Muitos falam que o carnaval é bagunçado, mas nós dos blocos de rua somos organizados.

Em outubro, eu participei da reunião do Ministério Público, que contou com a participação do Dr. Sérgio e falei que, mais uma vez, eu estava me sentindo um pouco fora do carnaval de rua de São Paulo. A Mesa de hoje está sendo composta por mais representantes

do carnaval de rua da região central, mas os mesmos problemas que vocês têm, também tem a periferia, como, por exemplo, a questão do ambulante, que precisa ser cadastrado, assim como o bloco. Quando nós dos blocos vamos nos cadastrar para poder comercializar um produto para ter uma verba para pagar carro de som e pagar uma equipe para nos apoiar, não conseguimos, porque há oportunistas que reúnem 20 pessoas para se cadastrarem e nós ficamos à deriva. Então, temos que ver esse ponto também.

Na minha região, M'Boi Mirim, são 17 blocos. Na questão de segurança, o meu bloco conseguiu cerca de 90%, e tem bastante crianças e idosos. De patrocínio, acho que ficou esse chavão: empresa de cerveja. No carnaval, qualquer empresa pode ser patrocinada, mas a grande mídia só divulga a de cerveja. Pode ser empresa de doce, empresa de roupa ou de utensílio; enfim, qualquer empresa pode apoiar o carnaval. Peço, então, que mudem o decreto, pois do jeito que está ele não atende aos nossos blocos. Está havendo mais obrigações do que somente colocarmos o bloco na rua de uma forma prazerosa.

Acho importante que tenhamos um diálogo aberto e mais direto com todas essas associações e órgãos a fim de fomentarmos esse projeto de lei e não enfrentarmos mais esses problemas. Houve bastantes coisas positivas, mas também houve bastantes coisas negativas no carnaval de São Paulo, que tem crescido a cada ano. Como disse aqui o nosso amigo, temos que crescer sem abrir mão da organização e planejamento. Sem isso, não vai acontecer.

Parabenizo a região central, Vila Mariana e Pinheiros, que comporta os maiores blocos da cidade de São Paulo. Lá no M'Boi Mirim, o maior bloco arrasta oito mil pessoas. Então, é totalmente diferente, mas também enfrenta problemas locais: logo depois do Carnaval, são ligados carros de som que acabam se transformando em pancadões. Só esperam o fim do carnaval para ligarem o som, mas os moradores entendem que os responsáveis pelos pancadões são os mesmos que os do carnaval.

Temos, então, que dialogar sobre isso e alinhar esse projeto de lei, pois este é momento propício. Agradeço a oportunidade da palavra. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Valeu, Marcos.

O próximo inscrito é o Décio Sunagawa, do Renova Centro e Viva o Centro.

O SR. DÉCIO SUNAGAWA – Boa noite à Mesa.

Eu sou morador do Centro e acho que, diferente de bairros que sejam da periferia, ou sejam bairros mais centrais, o Centro é castigado não só pelo Carnaval, mas é castigado pela Parada Gay, pela Virada Cultural, pela festa da Faculdade de Direito, fora também todas as manifestações que acabam acontecendo no Centro. Então, quando vocês falam de Carnaval, vocês realmente têm agora apenas um mês de folia. No Centro, nós temos, se nós formos contar todas as atividades que ocorrem por ali, três, quatro meses de bagunça. Então os moradores realmente sofrem muito com as ocorrências de lá.

Agora me limitando realmente ao Carnaval, o que a gente percebeu: em alguns anos anteriores, quando o Carnaval realmente era um pouquinho mais organizado, existiam mais banheiros químicos. O pouco de verde que temos ali no Centro, na Praça da República, na Av. São Luís, era um pouquinho protegido. Existiam grades que eram colocadas nas praças, e esse ano não ocorreu. A praça realmente foi destruída. Nós brigamos realmente por um bom tempo. Ficamos quase um ano solicitando que fossem colocadas grama e uma nova vegetação nos canteiros. E quando acontecem esses eventos, toda essa vegetação é destruída. Então, depois, temos que brigar novamente com a Subprefeitura, não tem verba, e nós ficamos realmente muito prejudicados.

Falando sobre banheiros, que eu acho que é o tema central dessa audiência: realmente houve uma diminuição drástica do número de banheiros. Tivemos que conviver aproximadamente um mês com um cheiro muito ruim no Centro, porque os banheiros químicos, durante o primeiro ou segundo dia, até eram utilizáveis; depois, realmente, não tinham condições. Eles estavam realmente imundos. Eu nem vou culpas as pessoas que usaram as praças, ou fachadas, para fazerem suas necessidades, porque realmente não tinha outro local. Então uma coisa importante para o próximo Carnaval seria que a Prefeitura estimulasse que o

próprio comércio ficasse aberto por mais tempo, pelo menos durante os blocos, e que pudessem cobrar a utilização do banheiro. E não só eles poderiam oferecer um banheiro de qualidade como também poderiam oferecer comida, porque, às vezes, as pessoas entram em coma alcoólico por não terem o que comer. E também você evitaria os carrinhos dos ambulantes, que não só vendem a bebida, como vendem outros tipos de coisas – vinho químico –, que realmente causam todos esses males que nós temos no Carnaval.

Obrigado.

P – O próximo inscrito é o Tiago França, da Charanga do França.

O SR. THIAGO FRANÇA – Boa noite.

A primeira sugestão que eu tenho para fazer é que os próximos encontros sejam temáticos, porque, como já deu para ver, tem muitas questões pontuais: banheiro, segurança. Então talvez a gente consiga render mais falando um assunto por vez. Acho que até por isso não quero entrar em questões pontuais, porque são muitas questões, e acontece absolutamente tudo. Em relação a banheiro químico, acontece coisa boa, acontece coisa ruim; sobre barulho; sobre a vizinhança. Na verdade, o que eu gostaria é alertar para uma questão que eu venho reparando desde quando eu comecei a vir às reuniões.

Eu acho muito importante que a gente olhe para isso como o que é de fato, uma manifestação cultural, e que o debate não seja pautado por essa questão do gosto, de quem gosta de fazer, de quem não gosta de fazer. E as construções dos espantalhos: pegar um factóide e criar uma coisa em cima daquilo, porque não é real. Não existe, dentro de São Paulo, um debate sobre barulho, por exemplo. Você ouve a sua televisão durante o dia no 25, e, à noite, no 6, por conta de barulho. Então durante o ano inteiro não se fala de barulho, mas naqueles quatro dias de Carnaval o barulho é o maior problema do universo. Não é. É a justificativa que quem não gosta quer arrumar.

Hoje, eu não cheguei na hora aqui porque a São Paulo não comporta a quantidade de carro que tem, e nem por isso a gente vai proibir o carro, vai proibir o trânsito. Se alguém já

fez a baldeação na Estação Sé, qualquer dia da semana, às seis horas da tarde, a gente vê que o transporte público de São Paulo não dá conta da população, não dá conta de atender. Nem por isso a gente vai fechar e vai deixar de atender a população. Então a gente precisa entender o que, de fato, é uma questão do Carnaval, que vai beneficiar o Carnaval. Dói ter que apontar os benefícios financeiros que o Carnaval traz, porque não é sobre isso. Quem faz Carnaval, a maioria das pessoas, não está preocupada com isso. E falta aqui alguém da Cultura para entender toda a amplitude de manifestações.

Eu dou aula. O meu bloco de Carnaval é focado em instrumento de sopro. As aulas começam em maior e vão até o Carnaval. Estou indo para o quarto ano de aula. Então eu tenho uma preparação, eu tenho uma preocupação, eu tenho uma equipe que trabalha comigo. Existe também gente que se organiza espontaneamente na hora, e tudo isso tem que ser visto com o devido cuidado.

A violência policial, a repressão, é uma questão, porque, independentemente do que está sendo discutido, independentemente do que for entendido como é a lei, eu acho que é importante que o Estado entenda que a população não está contra. A população não é problema, a população é a solução para tudo do país. Então tratar a população com um pouco mais de carinho, um pouco mais de cuidado, é essencial.

E queria pontuar uma única coisa, para terminar, algo que o subcomandante, que comentou sobre olhar exemplos de fora: eu acho que seria incabível. Brasil é conhecido no mundo inteiro como o país do Carnaval. Em nenhum outro lugar do mundo existe esse tipo de manifestação com essa proporção, com essa dimensão. Somos nós que temos que entender; ninguém tem esse exemplo para dar para gente.

Eu sou músico, viajo. Já toquei no mundo inteiro. Não existe em lugar nenhum do mundo algo parecido com o que acontece no Brasil – com as dimensões, com a quantidade de gente, com a quantidade de gente, com a diversidade. Nós precisamos olhar para nós mesmos, entender e encontrar essa solução.

As pessoas têm muita dificuldade de entender quem faz algo que não visa o lucro. Nós estamos aqui de peito aberto, dispostos a colaborar, a entender, também ouvir e ser ouvido, para que seja da forma mais suave, da forma mais benéfica para todo mundo que está aqui.

Obrigado.

P – Amanda Soldani, assessora da Soninha.

A SRA. AMANDA SOLDANI – Olá, boa noite. Eu sou assessora da Vereadora Soninha Francine, mas também estou aqui como munícipe.

Acho que são muitos temas relevantes do Carnaval – já foi falado sobre segurança, banheiro químico –, mas eu senti muita falta de um tema: lixo.

Neste ano, foram 460 toneladas de materiais recicláveis, que é uma renda muito importante para catadores, é uma importante ação social. E você ainda vê as pessoas jogando o lixo na rua. Não vemos ação de inclusão. E eu acho que esse tema precisa ter uma maior conscientização e soluções mais inovadoras, sejam contêineres, sejam sacolas de papel, mas que possamos dar uma solução para isso.

P – Tem a palavra o Sr. Fábio Santos da Silva.

O SR. FÁBIO SANTOS DA SILVA – Boa noite a todas e todos.

É um grande prazer estar aqui.

O Carnaval, como o colega acabou de falar, é uma questão cultural da cidade de São Paulo que tem ser respeitada. E o que aconteceu nesse Carnaval, de errado, foi a falta de planejamento, a culpa do Prefeito da cidade de São Paulo, que não estava preparado e nem planejado para essa ação do Carnaval na cidade de São Paulo.

O que tem que ser feito – como o colega mesmo disse –: formar uma comissão para que se planeje o Carnaval.

Eu sou morador da cidade de São Paulo, sou professor, sou produtor cultural, sou funcionários da Câmara da cidade de São Paulo também, e a maioria dos blocos que são

patrocinados pelas grandes empresas são colocados no centro da cidade de São Paulo. Eles blocos têm que ser descentralizados. A cidade tem zona Leste, zona Oeste, zona Sul, então por que o Carnaval dos maiores blocos são colocados somente no centro da cidade? Em Pinheiro, no Ibirapuera. O que aconteceu perto de casa, no Largo do Arouche, no bloco da Glória Brubeck, que iria ser um escândalo para a cidade de São Paulo, que deu mais de 900 mil. Por quê? O bloco iria sair às 14h; a Prefeitura, sem planejamento, ligou para o bloco da Glória Brubeck pediu para que saísse mais tarde; e o bloco se encontrou com outro. Foi um tumulto em frente o Theatro Municipal da cidade de São Paulo.

O que falta para nós, para a Prefeitura, é planejamento. E quem tem que ser ouvido é o povo, é o povo dos blocos, da periferia. Nós não temos que estar em 200, 100 pessoas, temos que estar em muito mais pessoas. Tem que ser divulgado. Isso é uma questão cultural da cidade de São Paulo, então temos que, juntos, fazer com que o Carnaval seja melhor do que foi, mas sem excluir a periferia, sem exclusão aos blocos que não têm recurso, sem exclusão às pessoas, que tem que ter acesso à cultura, ao Carnaval da cidade de São Paulo.

Muito obrigado.

P – O próximo inscrito é o José Cury, do Fórum de Blocos de Carnaval de Rua.

O SR. JOSÉ CURY – Boa noite a todos os presentes, aos componentes da Mesa, ao Vereador. Bacana essa oportunidade de falarmos de um PL.

Eu vou ser bem rápido, porque, como disse o Vereador, essa é a primeira reunião de muitas, se Deus quiser.

Eu sou o José Cury. O Fórum de Blocos, que eu disse aqui que represento, é um coletivo sem liderança definida, que aconteceu em função de algo que talvez o Vereador saiba: estávamos, alguns membros da sociedade civil, numa comissão mista há dois anos, tentando elaborar uma cartilha que ordenasse um pouco o crescimento do Carnaval de rua.

São Paulo é uma cidade de empreendedores. Esse crescimento de 150 blocos num ano para 250 no outro, 400 no outro, se dá porque, para se montar um bloco em São Paulo, é

chamar um amigo e falar: “Vamos fazer?” “Quantos instrumentos precisa?” “Ah, eu compro cinco, você compra quatro. A gente sai aqui. Vai ser legal, vamos dar um repertório”. É assim que está crescendo o Carnaval, não há um planejamento maquiavélico de dominar a cidade, nem uma coisa subversiva. As pessoas, exponencialmente, estão se divertindo fazendo isso. O número de pessoas que está frequentando escolas de música para batucar no Carnaval está crescendo 400% ao ano. Existem, hoje, 35 oficinas regulares de aulas de percussão para batuqueiros batucarem em novos blocos de Carnaval. Então uma oficina que abriu com 100 alunos gerou oito blocos de Carnaval, porque os alunos ficaram amigos e montaram um bloco de Carnaval, que consiste em sair para batucar e fazer Carnaval. Então, esse crescimento, se tentarmos ordenar num projeto de lei que saia rapidamente, vai ser prejudicado, vai haver um conflito grande. Agora, o conceito de haver um projeto de lei é fantástico, porque a cidade precisa ter coisas desse gênero. Vou só dar um toque, inclusive para moradores.

As instituições presentes têm bloqueios legais para interagir. A Secretaria das Regionais pode oficializar a PM para isso ou aquilo. Chama a PM para aquilo, oficializa o CET para isso ou aquilo, não é verdade? E, às vezes, a fluência de atitude é trancada por um dispositivo legal. Estou errado, Vereadores? Então eu estou há 50 anos no Carnaval – aqui em São Paulo há 12 –, e, desde a administração anterior, e a anterior, eu comento sobre a necessidade de a cidade já criar uma lei geral do Carnaval, por exemplo, onde alguns aspectos legais possam ser aglutinadores dessas instituições. Que a PM possa estar mais junto legalmente na organização do Carnaval; que a CET tenha mais liberdade; ou que seja alocada uma verba para que a falta de contingente de uma CET... A gente tem pena dos agentes da CET no Carnaval. Fechar, abrir e organizar um Carnaval de 12 milhões de pessoas com contingente de quantos anos? Três mil? Em três turnos? Então vocês percebem que a cidade precisa parar, a partir do Poder Público, para dimensionar a realidade de se executar. Como vários colegas falaram aqui: se o Carnaval está subdimensionado pelo Poder Público, por falta de tempo, ou pela rapidez do crescimento, nós já temos instrumentos para parar e organizar de uma maneira

muito melhor. Que seja com esse PL, que seja com outro PL, que seja com esse arrumado. Eu não sei se essa lei geral é possível, mas, na Copa, foi. Podia até beber no estádio, que não pode. Então se a cidade tem vontade, se os nossos representantes têm vontade, isso precisa acontecer. Precisa acontecer para não prejudicar tanto os moradores dos locais. Nenhum pleito é injusto, mas o Carnaval, como já dissemos aqui, como já ouvimos, é uma questão social, cultural, brasileira. São Paulo só está pegando um bonde, só está se reconstruindo nesses últimos dez anos em função de ter parado com isso; mas o Brasil não parou, e a nossa cultura não para.

A questão de estar aqui, e me pontuando como um participante do Fórum, é para, inclusive, convidar o Vereador a compreender que somos 190-200 blocos que têm um fórum de discussão, têm uma coordenação que participou de várias reuniões com a Secretaria, desde a administração do André Sturm, para tentar ajudar a Prefeitura a dimensionar e organizar um pouco o que poderia ser uma bagunça, mas que, na verdade, tem que ser uma festa popular, aberta para qualquer um que queira, democrática.

P – Vou pedir para o colega terminar por causa do tema.

O SR. JOSÉ CURY – Vou terminar. E, principalmente, com olhos para todas as pessoas que fazem carnaval.

Marcos Campos, nós fomos até a periferia, não fomos falar lá? Nós somos um misto de megablocos, miniblocos. O meu bloco é gigante em termo de pessoas, não tem um centavo de subvenção, sai numa avenida grande, parece um bloco Bahia, e é só um bloco de paulistanos que querem se divertir e fazer música.

Então eu estou convidando o Vereador, retribuindo o convite feito hoje, para que a gente, numa próxima sessão, como disse o Tiago, comece trabalhar pontualmente e que a sociedade civil, moradores, conselhos e nós, blocos, possamos estar juntos mais vezes. Porque o carnaval vai ter, que ele seja menos impactante é o desejo de todo mundo. Não tem um diretor de bloco que quer estragar a Cidade. Mas também ele não quer ser nem

supervisionado de cima para baixo, nem expulso numa ação violenta por falta de entendimento. Então nenhum nosso morador quer, nem nós queremos que a Cidade seja prejudicada.

São várias outras pautas que acho nas outras reuniões a gente fala. Por ora, é isso aí. Vou agradecer a presença.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Próximo inscrito é Ogan Velaske, do Bloco Eu Sou do Axé.

O SR. OGAN VELASKE - Boa noite a todos. Boa noite a todos os dirigentes de blocos, autoridades presentes. Eu sou diretor do Bloco Eu Sou do Axé, que sai na Rua Augusta, na região Central. Represento toda uma comunidade de matriz africana, do candomblé, da umbanda, da Jurema de São Paulo. Não sou o único bloco que tem nesse segmento no Estado de São Paulo. Tem aqui o Ogan Paulino que sai com os Filhos de Ijesá, o Chocolate, da Vila Maria, que também segue o mesmo segmento. Mas nós somos diferenciados porque abraçamos o Movimento LGBT, Movimento Negro de São Paulo também.

Em 2016, eu fui convidado para fazer parte da UBCRESP, através do Presidente Claricio, que é a União de Blocos do Carnaval de Rua do Estado de São Paulo, e me senti muito acolhido. Porém, eu não tinha a dimensão do que seria fazer carnaval na maior cidade do Brasil, com tanta diversidade e também com tantos problemas.

Mas a gente quando faz o carnaval faz tudo com amor e não quer nada em troca. Só que o nosso bloco é de militância. Em 2017, foi o nosso primeiro ano e a gente sentiu na pele o que é fazer cultura na cidade de São Paulo.

É uma pena que não tenha ninguém da Secretaria de Cultura aqui nesta Mesa, a gente cobra, porque o Secretário atual de Cultura - sei que muda a gestão - precisa ouvir, ver e sentir o que a gente sente. A gente paga para fazer carnaval, é criticado por fazer carnaval, mas tem o lado maior que é ver o nosso povo falar: que bom seria se fosse carnaval todo dia.

Só que não.

Só quem faz cultura na cidade de São Paulo, cultura afro, cultura de matriz africana, cultura popular brasileira, cultura LGBT - está aqui a Salete Campari, também - a gente sabe, porque nós somos minoria ainda. O que a gente leva? A gente não leva nada, além de levar a nossa cultura para as ruas, porque nós existimos. Nós somos uma força.

Hoje eu vejo as pessoas falando que carnaval de rua cresceu bastante, mas acho que nós temos de ter um controle dos novos blocos que estão por vir. Porque o pessoal vê hoje a gente colocando: Ah! Não, porque vem problema. Eu acho que a gente tem de falar dos problemas sim, mas a gente tem de lembrar o lado positivo. Não adianta falar: Olha, aquilo não deu certo. Se não deu certo, estamos aqui para discutir para dar certo.

Não adianta dizer que fazer cultura é muito difícil. Mas tem solução. Para mim, uma das soluções é ter o controle do que vai vir ainda, porque a UBCRESP tem 207 blocos filiados. Pessoas que nos veem falam: Ah! Eu quero sair com o meu bloco. Mas ela não tem dimensão do que vai por na rua e dos problemas que vai encontrar.

Bato na tecla que tem de ter controle sobre o que vai ser posto no próximo ano de 2020, porque senão o problema vai só aumentar, como a alegria do povo também vai aumentar.

Sobre o barulho aqui na região Central, gente, neste ano tivemos horário até às 20h, nosso bloco respeitou. Estava lá o fiscal da subprefeitura, inclusive, paramos até cinco minutos antes, mas tivemos um problema: a menina da CET, a subprefeitura também, pediram para segurar a nossa largada, uns 40 minutos, porque não tinha condição de a gente descer, porque tinha um carro quebrado logo na frente.

Sofremos esses problemas, nós trouxemos para a rua ialorixás, babalorixás, senhoras. Nossa porta-estandarte tem 75 anos. Temos problemas também com esse negócio de horário, porque não dá para sair muito cedo porque estão todas vestidas a caráter, com suas baianas, enfim, a gente teve esse problema neste ano. Também de não ter banheiro

público adequado. O tema da reunião de hoje poderia ser banheiro público. Porque eu também sou artista e canto em vários blocos.

Eu estive em bloco na Cidade Ademar, Aí Se Me Perdeu; estive no Ecocampos Folia; estive no Bloco Fuzuê, também aqui. Desci com o Bloco Fuzuê no Theatro Municipal, chegamos no Paissandu tivemos de voltar, contrário, na contramão, porque não tinha como passar.

Eu fico entristecido de não ter o Secretário de Cultura aqui e cobro dele: olhem pela cultura do nosso povo. Porque um povo sem cultura é um povo sem identidade.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – É Ogan que fala o seu nome?

(Pausa.) Muito bom, Ogan.

Artur Monteiro, Conseg-Bela Vista. Estamos encerrando as inscrições, por causa do horário, quem estiver inscrito já vai falar. No final, faremos o encerramento.

SR. ARTUR MONTEIRO - Boa noite a todos, à Mesa, aos presentes. Sou uma liderança da região central. Novamente volto a falar que o carnaval precisa de mais diálogo, a Prefeitura tem de reconhecer que ela não sabe administrar o carnaval de rua, ela precisa muito ouvir todo mundo, inclusive, a comunidade.

Novamente, mais um ano a população não participou do debate junto à organização. Faltou isso. O Ministério Público pediu e nós, de novo, fomos colocados de escanteio. Por que está no MP? Porque a população não está sendo ouvida.

Começo falando sobre o PL que, na realidade, falo isso por causa, ninguém da região Central é contra o carnaval, o que a gente está pedindo, há muito tempo, desde 2014, quando nós entramos no MP que era o Promotor Maurício, nós estamos pedindo desde o início uma regulamentação do carnaval. Não dá, simplesmente, para que os blocos saiam na rua e não assumam a sua responsabilidade, destruindo o que nós, comunidade, colocamos. Como destruir nossas praças, nossas ruas, e vai por aí fora. Hoje, a região Central virou banheiro

público, simplesmente por falta de empenho e de administração da Prefeitura.

Eu queria saber, Vereador, se a gente pode propor, de repente, algum substitutivo, dentro desse PL. A gente tem de tomar muito cuidado para que o PL não engesse o carnaval de rua. O PL tem de dar margem, inclusive, para que os megabloços saiam de maneira ordeira, sem causar grandes prejuízos à comunidade. Pelo menos, é isso que nós da comunidade queremos, que o carnaval continue, mas que sejam olhadas, dentro do PL, as nossas necessidades.

Então eu pergunto: vai passar na Comissão de Direitos Humanos? Deveria passar; deveria passar também na Comissão de Meio Ambiente e na Comissão de Finanças. Na Comissão de Finanças, seria importante passar porque a gente pode colocar, de acordo com o dinheiro entrar, e estipular tanto vai para isso, tanto vai para aquilo, de acordo com o dinheiro. E assim atender a todos os blocos já tradicionais, como os blocos novos e os megabloços. Então é muito importante que isso entre.

Eu queria aproveitar, já falei no Ministério Público, mas eu gostaria de dizer aqui que nós estamos importando um carnaval que não condiz com o cenário urbano de São Paulo. O Plano Diretor deixa bem claro que a região transformando nos grandes eixos como o transporte público, onde têm os terminais de ônibus, eles vão ser cada vez mais adensados.

A gente vai ter cada vez mais, levantando mais prédios, com isso os megabloços estão sendo colocados justamente nessa linha de cenário de transformação urbana, ou seja, megabloços não condizem com o Plano Diretor. Nós temos um grande conflito, em que, cada vez mais, a gente vai colocando megabloços e, cada vez mais, a Cidade está levantando cada vez mais prédios, e cada vez mais pessoas têm de se locomover e o comércio tem de fluir.

O Carnaval saindo três vezes seguida destrói o comércio local. A gente tem um prejuízo sério do local. Por exemplo, temos necessidades básicas que acabam não abrindo o comércio o mês todo. E aí ainda temos a região central, que é, de fato, uma região de grande concentração da parte de saúde. Nós temos grandes hospitais, grandes laboratórios e as

peessoas vêm para fazer tratamento de ordem continuada aqui e acabam fazendo... se hospedando nas áreas lindeiras onde não passa o bloco. E o que é que acontece? Aí passa o pequeno bloco, as pessoas acabam não usando o serviço hospitalar, por conta da rua ter sido fechada, então, nós temos esse cenário aqui também.

Vou falar mais duas coisas. Da importação do Carnaval de outros estados. No Rio de Janeiro nós temos a região beira-mar, os grandes blocos acabam sendo levados para área da beira-mar. Na região central eles colocam justamente os megablocos e as pessoas são obrigadas a atravessar a cidade. Mais uma vez eu falo: não combina megabloco na região central. Tem que ser levado isso para outro local.

Com relação ao regulamento, o que faltou na parte do Ministério Público... o que é que o Ministério Público deixou bem claro: que precisaria ter uma regulamentação, hoje, não existe penalidade, a Prefeitura não consegue penalizar os excessos porque não há uma regulamentação de um projeto de lei. A gente viu vários blocos que saíram atrasados, que não respeitaram o prazo e precisam ser aplicadas as multas. Onde que a multa é aplicada? Hoje a gente não tem fundamentos legais para aplicar os excessos, não que todos foram culpados, mas a gente sabe que teve realmente alguns precisariam ser realmente multados. Está faltando uma regulamentação, a necessidade de mais diálogo com a população. A Prefeitura, durante os processos, a gente deixou bem claro que a Secretaria da Cultura não tem condições de administrar o Carnaval. Por isso foi passado para as prefeituras regionais: por que as prefeituras regionais conhecem melhor o território e foi criada uma comissão intersecretarial envolvendo várias secretarias, autarquias, para que juntos fizessem um desenho dessa malha de como poderia ser feita essa administração.

O que acontece? Nós, de novo, da população, com os blocos de rua, deveríamos entrar dentro dessa comissão, como também a PM e a GCM e outras pessoas que fazem a segurança. E eles não estão nessa comissão, então, vamos definir: vamos criar um roteiro de cultura. Nada melhor do que a própria associação de moradores, do que a própria PM, como

os blocos, olhar a reclamação de todos e entrar dentro dessa comissão. Isso foi colocado dentro das audiências públicas que essa comissão intersecretarial faça constar também as associações de moradores e os blocos representados. Por isso pergunto, Vereadores, se a gente pode fazer ainda algum substitutivo, dentro desse PL e peço também para que ele entre nessas comissões que eu havia dito.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Obrigado, Artur. Com certeza a ideia é que a gente construa um texto, com o substitutivo do Milton Leite, que não é do agrado do autor Aurélio Momura, nem do meu e acho que está fora do contexto, tem que mudar. Agora, sobre passar nas comissões, a gente tem que ser mais realista. Às vezes é melhor construir esse texto nos encontros e apresentar, falar com o Nomura, com os outros Vereadores, porque a tramitação aqui, você sabe como que é na prática.

O próximo a falar é... para quem não conhece os projetos de lei aqui teriam que passar por todas as comissões, numa tramitação regular, só que a gente tem um expediente aqui que se chama congresso de comissões reunidas. E aí os Vereadores que não tramitaram o projeto, porque as comissões não andaram com pautas ao longo do ano, indicam e se ele já passou pela CCJ ele pode passar no Congresso de Comissões Reunidas e ser votado em primeira e em segunda votação, sem passar com a tramitação regular. Isso é uma *práxis* aqui, então, para evitar isso o que é que você faz? Reúne as pessoas interessadas, faz as oficinas constroe um texto e apresenta em substitutivo e vota.

O próximo inscrito é Sales, do bloco Salete Campari.

A SRA. SALETE CAMPARI – Boa noite a todos. Primeiro, eu tenho feito um monte de coisa para falar aqui, mas depois de ter todos vocês reunidos, fica até mais fácil, porque a gente ver tanta injustiça com o Carnaval de São Paulo e que vocês estão presentes, e quando o rapaz fala “penalizar o Carnaval”. O Carnaval já está penalizado há muito tempo. Não é de hoje que vem sendo penalizado pelos moradores, pela Prefeitura, pela Subprefeituras, que

pegaram agora para fazer por que, sendo bem realista, o que acontece: há dois anos a gente teve quase todos os blocos de Carnaval reunidos na Prefeitura com Bruno e eu fui uma das pessoas a pedir que olhasse pelo Carnaval da periferia, que não teve visibilidade nenhuma. Lógico, porque não interessa para os patrocinadores e para Prefeitura porque quem patrocina esses 16 milhões são os megablocos. Ninguém quer ir lá para a Vila Maria, para Sapopemba, porque a cerveja que é quem patrocina o Carnaval de São Paulo, não tem interesse para eles, como se a periferia não bebesse. E quem mais bebe é o pessoal da periferia, mas não tem visibilidade de marca.

Quando se fala de como estão crescendo os blocos em São Paulo e a população qualquer lugar vai estar lotado por que o Brasil está descobrindo o São Paulo, que é um Carnaval bom, é um Carnaval de respeito, sim, que tem exceção em tudo que é lugar, tem. Só que as subprefeituras quando fazem um ofício de chamamento para os blocos de São Paulo se cadastrar, eles não têm o respeito para com quem já tem 20, 30 anos de bloco. Colocam todo mundo: 30, 40, 50. No ano passado foram 300 e pouco, 200 e poucos blocos nem saíram e não teve pena. Esse ano vocês registraram para se cadastrar e depois, automaticamente, se abriu mais para 78 blocos por quê? Qual era o interesse? Por que eram blocos grandes, de gente mais famosas que vieram depois, e que traziam dinheiro para a Prefeitura de São Paulo.

Só que já era mal administrado o Carnaval de São Paulo no anterior com quem cuidava do Carnaval, porque eles patrocinavam blocos de amigos, de colegas. Quem é aqui tem patrocínio de bloco? Só os megablocos. O seu não tem, o meu não tem, ninguém tem. O do Candinho também não sei se tem. Tem porque ele já tem 180 anos de Carnaval, então ele tem alguns patrocínios, então, tirando isso, ninguém tem. Só é patrocinado quem é amigo, quem não é amigo, não faz parte de um grupo, não é.

O Prefeito falou que ia dar um dinheiro para os blocos de carnaval e deu, mas quem sabe como foi feito e escolhido esses blocos? Ninguém sabe, mesmo nos grupos que estão aqui, o pessoal ficou perguntando como que foi dado o dinheiro para esse grupo?

Ninguém sabe. A gente se reúne, como está aqui, há 23 anos, a gente se reúne, mas não acontece nada. Eu sempre falo que a gente conversa, conversa, e sabe quando vai resolver o carnaval? Uma semana antes. Quem recebeu aqui em menos de 15 dias o ofício para sair no carnaval? Ninguém recebeu e a gente começou em maio. Vai ser bom, está mudando, agora é outra gestão, mudou da Cultura para outra Secretaria e nada aconteceu. Porque acontece uma coisa, é um prédio que pegou fogo, e o carnaval fica de fora, do mesmo jeito. Fazer como Vila Mariana é fácil porque são blocos grandes, bonitos, eles fecham lá, e não vai ter bagunça, mas tem em qualquer lugar em que se reúne muita gente. Se somos 12 milhões de pessoas em São Paulo, qualquer lugar ou bloco estará lotado, e não há policiamento.

O meu Bloco desceu na Augusta, e o pessoal da SPTur que estava comigo também não viu um policial no dia. Eu fiz a reclamação no dia, porque se acontece qualquer coisa é com o Bloco. Eu não tenho patrocínio. A Prefeitura não banca os Blocos da gente. É a gente que banca o carnaval para a Prefeitura ter dinheiro, e o básico que a Prefeitura tem que fazer - que são os banheiros químicos – não faz.

Mas vejam os mega blocos – temos 10 ou 15 mega blocos e 500 pequenos – não têm? O carnaval de São Paulo só é feito pelos mega blocos? E os pequenos blocos não têm esse direito? Não tem o olhar da Prefeitura e das Subprefeituras?

Além de a gente pagar para fazer o carnaval para a Prefeitura ter dinheiro só recebe discriminação, preconceito, borrachada? Ninguém fala isso. Todo mundo é sempre amigo.

Eu acho que o Prefeito tem que estar na Prefeitura de verdade, porque, no ano que vem, tudo fica mais fácil. É ano de eleição. Mas gente não precisa que as coisas sejam bem feitas só no ano de eleição. Todo mundo gosta de carnaval. Ninguém vai colocar carro, tirar dinheiro do seu bolso para vender bebida para criança. Quem faz isso é o patrocinador.

Está escrito Skol pra todo lugar nos blocos, e mesmo no meu que não tem há 200 ou 300 camelôs vendendo – e eu não ganho nada com isso -, eu pago a minha banda, o

meu trio elétrico, pago tudo. A Prefeitura não dá nada. O que ela tem que dar é policiamento, ambulância e banheiro químico, o que não aconteceu. E, no lugar que aconteceu, na Praça Roosevelt, depois de uma semana ainda havia banheiros químicos jogados por lá.

Agora, se você for nos mega blocos, Baixa Augusta, Daniela Mercury, tem tudo, porque tem visibilidade.

Além de ter um olhar diferenciado da Prefeitura, eles têm mega patrocinadores.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Por fim, o último inscrito, Daniel Machado, do Bloco Bagaceira.

O SR. DANIEL MACHADO – Boa noite a todos. Queria agradecer pela presença.

Muitos pontos já foram mencionados, mas como o meu colega disse é bom descrever que, em pleno 2019, não temos mais desculpa de não conseguirmos nos comunicar uns com os outros.

Talvez, em projeto de lei, poderemos ver como incrementar a fluência entre os órgãos públicos, porque, eu, como muitos aqui, não tive policiamento no meu Bloco, não tive banheiro público, e a CET apareceu muito depois de termos começado a andar.

É o seguinte: se o meu Bloco precisa arrecadar dinheiro, como todos aqui fazem, me avisem, porque eu dou um jeito. Mas, no momento em que a Prefeitura se compromete a fazer isso para mim, e no dia não aconteceu nada, eu fico querendo saber aonde foi parar o dinheiro: 16 milhões além dos outros Blocos que já têm patrocínios e impostos que pagamos diariamente?

Outra coisa que foi dita: a gente já sabe que precisa ser feito todo o planejamento antes, e que este venham planejado porque a gente não pode ficar só nas palavras e das ideias nas Comissões, Câmara e Prefeitura. Isso precisa ser feito em números, e é fácil de compartilhar em qualquer lugar. A gente tem um portal de

transparência que serve exatamente para fazer esses dados públicos.

Então basicamente essa é uma das únicas soluções e questionamentos que eu tenho, que literalmente a gente se vira para fazer isso acontecer. Agora, precisamos ter mais informação. Graças a Deus não rolou nada de errado este ano, mas quem diz que ano que vem não role. Não tínhamos ambulância, polícia, não tínhamos nada.

Outra questão, além de banheiros químicos, lixos seriam muito bons também ter espalhados nos percursos, porque sabem com antecedência onde vai ser. É só posicionar.

Enfim, é isso. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Vou passar para os colegas da Mesa. E dentre as sugestões acho melhor separar por tema e progredir em cima de uma proposta de texto, partindo do texto inicial que o Vereador Nomura propôs, sem o substitutivo.

Alerto que projeto de lei de iniciativa de Vereador tem uma limitação de competência. O Prefeito pode propor uma lei que crie algumas obrigações para ele próprio, o Prefeito, que vão implicar em custo. Já aqui na Câmara temos uma limitação maior. Não posso como Vereador criar uma obrigação para o Prefeito. Podemos dar uma diretriz, mas não podemos obrigar.

Então o ideal seria que o Prefeito encaminhasse um projeto de lei para o Carnaval de rua. E aí em cima desse texto do Prefeito construir alterações. Seria o ideal. Por exemplo, a questão dos parques aqui na Cidade. Muitos Vereadores propõem criação de parque. A lei pode ser aprovada e vir a ser sancionada. Só que o parque só vai acontecer se o Prefeito quiser porque é ele que tem a competência de criar um parque e não os Vereadores. Então o Carnaval tem essa limitação, mas acho que é produtivo.

O Subprefeito da Lapa, Leonardo, disse que não pode vir porque tem a reunião do Cades hoje também. Mandou um recado pedindo desculpas e disse que nas próximas estará presente, assim como o Sub da Sé. Os demais subprefeitos foram todos convidados e vamos reforçar para que compareçam. Talvez possamos fazer por região também, já que há essas

demandas de região, e olhar com um olhar mais focado, zona Norte, Leste, Sul, Oeste e Centro. São realidades diferentes.

Essa questão dos megablocos e blocos que têm finalidade comercial ou que vêm patrocinados por ProAC, Lei Rouanet, já vêm incentivados por oficinas que fazem ao longo do ano. Aí o custo do trio já está pago, enfim, já vem com o custo pronto, são mais profissionais, não quer dizer que são ilegais. Temos de ver que o Carnaval cresceu e não foi por causa desses megablocos. Cresceu por causa dos blocos da Cidade. E quando cresceu e virou realidade, artistas e produtores vieram. Não podemos também esquecer a ordem dos fatores, mas são blocos também.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Concordo, mas não pode distinguir. Vai proibir a Daniela Mercury de vir?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Concordo com você. Só que de repente toma cuidado para não virar uma coisa anti o artista consagrado, porque ele, inclusive, pode ajudar a desenvolver uma região que recebe menos atrações e que vai encher igual.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Você tem toda a razão. Fiz só um alerta para não direcionarmos a discussão como se fosse uma guerra.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Inclusive, o Edital do Pro-Mac deste ano, que é a Lei de Incentivo à Cultura Municipal previa 1 milhão para blocos em periferia. E várias das questões que vocês propuseram aqui já foram objeto de ofício. Essa não foi. Vou fazer um ofício porque é uma pergunta boa mesmo, a transparência quanto a isso.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Tudo isso nós vamos questionar sem problema nenhum. É importante a transparência. Só quis pontuar essa questão dos blocos que têm artistas que são profissionais. Não há problema desde que haja uma diretriz. O que não pode é o seu bloco que já desfila há vários anos num local e, de repente, um bloco que chegou este ano impede.

Mas todas as questões já foram debate lá atrás também. Só dizer para encaminhar, o ideal é que o Prefeito envie um PL de lá para cá. Seria o ideal para poder pegar todos os aspectos.

Vou passar a palavra para o Sr. Wilson Batista, Comandante Operacional do Centro, para que faça suas considerações.

O SR. WILSON BATISTA – Obrigado, Vereador. Vou me ater aqui somente a uma questão que o Sr. Tiago levantou em relação a GCM e CET. Em sua fala disse que houve alguns desentendimentos por culpa da CET e da GCM.

Como estou representando a GCM, gostaria que depois o senhor me apontasse que tipo de demanda foi essa e onde ocorreu, para que adotássemos providências, para que num próximo evento não viesse a ocorrer, porque a GCM trabalhou durante todo o período de Carnaval juntamente com a Subprefeitura. Em toda área de subprefeitura que houve o evento,

houve a solicitação da presença da GCM que trabalhou juntamente com a Polícia Militar ali na proteção dos agentes, dos foliões e todos os frequentadores do local.

As demais demandas, acredito que já são do contexto geral e vão ser discutidas por todos e faz parte da pretensão do proponente do PL. Se o senhor puder me passar o local e que tipo de demanda foi...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. WILSON BATISTA – Na Domingos de Moraes, Vila Mariana. Mas que tipo de atuação da GCM...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. WILSON BATISTA – Ok então. Já anotei aqui, mas a questão de trajeto é competência da própria CET.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. WILSON BATISTA – Está ok, Thiago. Até para não alongar muito, anotei aqui, e para os próximos encontros como foi falado aqui, podemos discutir por assunto e acredito que chegaremos a um entendimento. E com essa gama de informações que os senhores trarão, nós conseguiremos criar um roteiro para atuar nos próximos carnavais, de forma a atender melhor o ensejo de todos. Está ok?

Eu agradeço, Vereador, pela oportunidade, aqui, e passo à frente a palavra.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Está bom. Vamos falar, agora,

com o Sr. Luciano Luiz de Souza, que é o Subcomandante de Policiamento, aqui, da Capital.

O SR. LUCIANO LUIZ DE SOUZA – Senhores, fiz todas as anotações, porque, como eu disse, no começo, existe uma transversalidade muito grande com todas as ações e isso vai impactar a Segurança.

A Polícia Militar atuou no Carnaval em apoio à Prefeitura de São Paulo. Nós participamos realizando policiamento preventivo. Em alguns casos, nós tivemos de fazer um policiamento. Nós tivemos de intervir. Então, a ação passou a ser reativa.

Nós tivemos dois casos episódicos isolados, de dois policiais que acabaram se excedendo nas suas ações, e isso está sendo apurado por meio de Inquérito Policial Militar. Esse tipo de situação foi realmente uma exceção, perto de 12 milhões de foliões que estavam nas ruas da cidade de São Paulo.

Com relação à parametrização de que o Tiago falou, não comparei. Na verdade, a ideia é trazer um parâmetro internacional justamente para organizar melhor a situação de banheiros. Por exemplo, no Carnaval de Nova Orleans e em outras cidades, eles têm parametrização para eventos que envolvam massa de pessoas. Então, por exemplo, situação sanitária: qual é a quantidade necessária de banheiros? Então, a nossa proposta é essa. Não é comparar os eventos, mas utilizar parâmetros que são internacionais para que nós possamos equilibrar essas facilidades e esses serviços que são disponibilizados para os blocos. É justamente porque nós sabemos que causa impacto.

Pois não?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. LUCIANO LUIZ DE SOUZA – Depois, podemos... Não sei se o Vereador vai autorizar, por causa do tempo.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. LUCIANO LUIZ DE SOUZA – Está ok. Então, o que nós estamos propondo é isso, justamente, porque impacta. É uma situação que, a partir do momento em que, de repente, essa lei puder criar alguns parâmetros, está na lei. Isso é importante, porque vai haver um evento muito mais organizado. Estando o evento muito mais organizado, vai, no nosso aspecto, Segurança... Temos certeza de que haverá mais Segurança. Então, nós estamos abertos a discutir a situação, para melhorar, realmente, a situação do Carnaval, no que tange à nossa provisão de serviços, que é a Segurança. Está ok? Então, muito...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. LUCIANO LUIZ DE SOUZA – Está ok. Então, a nossa proposta é que isso vá para uma legislação, seja ela qual for, uma lei, um decreto, porque isso, a partir desse momento, é um marco legal a respeito do assunto.

Muito obrigado e uma boa noite a todos.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Obrigado, Sr. Luciano. Agora, vamos passar, aqui, para o Subprefeito de Pinheiros, o Sr. João Grande, lembrando que os Srs. João e Fabrício assumiram na virada do ano e pegaram o processo já em curso.

O SR. JOÃO VESTIM GRANDE – É verdade, Vereador Caio Miranda Carneiro. Realmente, é um planejamento que se iniciou lá, em 2018, já. Foram meses de planejamento, pela Prefeitura. Nós chegamos em cima da hora, com essa missão de executar tudo aquilo que foi planejado, mas, independentemente disso, eu ouvi e fiz várias anotações de pessoas representando diversos grupos aqui. Eu ouvi questões de moradores, comerciantes, representantes de blocos, pessoas defendendo questões religiosas, questões históricas e dos mais variados temas. Eu não tenho aqui a pretensão de esgotar, aliás, nem já abordar cada um

desses temas. Como o Vereador muito bem colocou, esta é a primeira de uma série de conversas. Mas conversamos aqui, ouvi vários pleitos, vários deles muito legítimos. Eu acho que os moradores são os principais afetados. Realmente um pleito, é uma classe que realmente é muito atingida. Mas foi falado aqui sobre cultura, segurança, questões sobre menores de idade consumindo álcool e drogas; o problema dos banheiros; o problema do barulho, da incomodidade; a falta de diálogo, de comunicação; o problema de lixo, de reciclagem; questão de economia de onde vem o patrocínio, quem pode, quem não pode; questão de transparência desses recursos.

Enfim, eu acho que é uma infinidade de assuntos que temos para tratar aqui e eu gostaria de ter as respostas. Obviamente não as tenho, as respostas para todas essas questões. Mas eu acho que esse é o foro adequado, e por isso que estamos aqui reunidos, neste primeiro momento, em uma audiência pública, para começarmos a promover esse diálogo, ouvir todos os senhores, não só os moradores, mas o pessoal que tem interesse em bloco.

- Manifestação fora do microfone – inaudível.

O SR. JOÃO VESTIM GRANDE – Eu entendi, mas eu estou dizendo que, às vezes, o...

- Manifestação fora do microfone – inaudível

O SR. JOÃO VESTIM GRANDE - Não foi isso que eu quis dizer. Eu estou dizendo que, às vezes, os interesses são diferentes. Às vezes, o morador que não gosta de Carnaval tem interesse diverso. Os interesses podem ser conflitantes.

Então, eu acho que isso realmente retrata o que temos visto. De todas as reuniões

que eu tenho participado - no Ministério Público, na Subprefeitura -, isso retrata realmente esse grande desafio do Poder Público, que é conciliar, equacionar, equilibrar esses diversos interesses: de moradores; dos organizadores dos blocos; das pessoas que trabalham no evento; daqueles que vêm, de alguma forma, aumentar a sua renda, ainda que temporária, nesse período de Carnaval; do Poder público. Eu não sei se o fato de mudar de uma secretaria para outra... Agrada-me muito a sugestão de ter alguma comissão, algum órgão permanente para se discutir Carnaval, porque, afinal, como o Vereador muito bem colocou, isso não é uma questão de Governo, é uma questão de Estado, é uma questão permanente e deve assim ser cuidadas. E eu não sei se uma simples mudança de secretaria... Para os senhores terem uma ideia, na Subprefeitura de Pinheiros, recentemente - e foi muito intensa a experiência -, nós constituímos uma comissão ampliada de Carnaval que envolve uma série de órgãos públicos. Além da Secretaria das Subprefeituras, a nossa própria Subprefeitura, tivemos a Polícia Civil, a Polícia Militar, a Guarda Civil Metropolitana, a CET, a SPTrans, a SPTuris, o Metrô, a Linha 4. Enfim, é uma infinidade de órgãos trabalhando.

É verdade que os problemas ocorreram. São problemas, no meu ponto de vista, ainda pontuais. Eu acho que tem muito a se melhorar, sem dúvida. Mas também há um lado positivo: não tivemos nenhuma ocorrência de óbito na Cidade; bem ou mal, depois de duas ou três horas, as ruas estavam limpas; as vias tinham sido desobstruídas e devolvidas para a Cidade.

Eu acho que, realmente, é um começo de conversa. Mais uma vez, eu reitero que uma legislação regulamentando o Carnaval será muito bem-vinda, e nos permitirá que executemos aquilo que a lei assim prevê.

Mais uma vez, agradeço a oportunidade e me coloco à disposição. Pretendo participar das próximas audiências públicas. Foi uma experiência muito intensa, muito rápida, mas muito rica. Acho que tem muito a ser melhorado em parceria com todos esses órgãos. E, mais uma vez, ouvindo os maiores interessados; ouvindo a população; ouvindo os moradores -

tanto os que gostam de Carnaval, quanto os que não gostam de Carnaval -; ouvindo os empresários; ouvindo os empreendedores; ouvindo os organizadores; ouvindo os órgãos, para que todos juntos busquemos um consenso. Obviamente, é muito difícil agradar a todos, mas nós precisamos buscar um equilíbrio, um ponto em que se permita fazer uma festa melhor, mais segura e que provoque menos desentendimentos entre os envolvidos.

Obrigado, boa noite.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Tem a palavra o Sr. Fabrício, Subprefeito da Vila Mariana.

O SR. FABRÍCIO COBRA ARBEX – Primeiro, agradeço a oportunidade do convite.

Eu e o João estamos, aqui, mais como pessoas para trazer a nossa experiência como Subprefeitos. Não estávamos desde o início, no Carnaval, na Prefeitura. Não respondemos aqui pela Prefeitura. Estamos colaborando com o Legislativo. Acho que a iniciativa dos Vereadores, através de seu convite, do ofício do Vereador Aurélio Nomura, que é o autor do projeto, no intuito de trazermos a experiência que vivenciamos nos oito dias de Carnaval com os blocos, com a sociedade civil, e o que temos escutado após o Carnaval. Eu tenho ido às reuniões do Conseg, à associação de bairro, CADS, Conselho Participativo. Então, as pessoas estão dando as opiniões sobre o Carnaval.

Então, eu acho que a nossa participação aqui é com o intuito de colaborar e trazer a experiência que foi o Carnaval, as ações em conjunto. Estão aqui a CET, a Polícia Militar, a GCM, a Amlurb que trabalharam em conjunto. Então, o nosso intuito é de trazer essa experiência. O Legislativo manifesta o interesse em fazer uma lei que é importante para trazer esses marcos. Aqui, a Prefeitura não está dando aquilo que foi feito, mas, sim, a nossa experiência. Foi por isso que aceitamos vir para colaborar com esse projeto de lei, que pode ser um marco na cidade de São Paulo, para que possamos ter diretrizes que fiquem perpetuadas na Cidade.

E o Carnaval de São Paulo, hoje, atingiu um nível extremamente grandioso. O

registro foi de 2,1 bilhões de reais que movimentaram a economia de São Paulo. Quase 14 milhões de pessoas passaram pelo Carnaval. Um dos colegas falou, aqui, sobre a questão do lucro. Acho que não é nem a questão do lucro. Acho que a movimentação da economia da cidade de São Paulo é importante para todos os seus moradores, geração de emprego, índices de hotéis ocupados, restaurantes, bares. Enfim, acho que isso é importante para a Cidade em todos os níveis sociais. Quer dizer, ao movimentar a economia, você gera benefícios para a cidade de São Paulo. Houve um aumento do total de pessoas que vieram passar o Carnaval em São Paulo de 7 para 30%. Então, esse aumento é considerável. Hoje, é muito significativo em nossa economia. E, obviamente, um Carnaval de 14 milhões de pessoas vai trazer desafios bem complexos para a Prefeitura. É claro que algumas questões pontuais são colocadas, como a questão do banheiro. A própria Prefeitura reconheceu, no dia 23 de fevereiro, que houve uma falha do fornecedor na entrega desses banheiros. Foi publicado pela Secretaria das Subprefeituras.

Agora, tem muita coisa que está funcionando e que ninguém vê. Então, a questão da limpeza. A Assessora da Vereadora falou que, neste ano, foram 900 toneladas de lixo reciclado, que a Amlurb recolheu e deu para as cooperativas. É um número bastante significativo. Nove mil metros cúbicos de água de reúso foram utilizados na limpeza. Quer dizer, houve uma preocupação com a questão da sustentabilidade pela Prefeitura de São Paulo. O que o João falou aqui, logo após os blocos, as ruas eram devolvidas para a Cidade, a limpeza feita. Tivemos a ação conjunta da Polícia Militar, CET e GCM para que pudéssemos ter as ruas liberadas.

Quando se fala na questão dos horários de interdição, vimos algumas questões que a CET colocou. A rua geralmente é interditada quando eles conseguem ver um acúmulo de pessoas suficiente para interditar uma rua. Porque a interdição de uma rua tem impactos no trânsito, às vezes, quilômetros dali, principalmente aos sábados, no pré e no pós, em que se tem todo o comércio funcionando. Então, eles têm esse estudo. Eles sabem quais blocos

impactaram negativamente, positivamente para o trânsito. Então, a todo um trabalho, lá no Copom, na Central, estava toda a Prefeitura, os órgãos estaduais, municipais juntos trabalhando para que o Carnaval pudesse passar sem nenhum tipo de grande problema, como João falou, não teve nenhum óbito. A questão da saúde, muita gente falou das ambulâncias, a Prefeitura esse ano contratou um serviço de saúde que abrangeu a Cidade inteira. Você tinha tendas atendendo nos grandes blocos e quando falam da diferenciação de grandes e pequenos blocos, na verdade, todo o estudo de segurança feito, de atendimento, é feito de acordo com a expectativa de público. Onde você tem mais público, você tem que ter mais presença da segurança e da saúde.

Além das tendas, tinham ambulâncias posicionadas entre vários blocos, não necessariamente você ter uma por bloco, numa região, por exemplo, eu fiquei muito restrito à questão da Vila Mariana. Você tem três blocos pequenos, saindo dentro do bairro, você tinha duas, três ambulâncias posicionadas perto dali, não necessariamente precisava estar na boca do bloco. Então havia uma estratégia, com relação à questão da segurança, e da saúde, mas tudo isso acho que obviamente a gente tem como aperfeiçoar. A Prefeitura trabalhou muito para, junto com o Ministério Público, que guiou muitas ações que foram feitas, mas acho que tem muito a aperfeiçoar.

Eu tenho escutado nos Consegs e nas reuniões de bairro, por exemplo, a questão dos blocos dentro dos bairros. Quando o bloco é menor, eu acho, em minha opinião, que os blocos tem que ter uma ligação com aquele bairro. Quando você está dentro de uma área muito residencial, você trazer um bloco que não tem ligação, você gera mais transtorno porque você não tem o abraçamento daquele bairro com aquele bloco. Tiveram vários blocos na Vila Mariana que eram locais e você teve a saída sem nenhum tipo de problema, ou era uma associação do bairro, está aqui os Amigos da Vila Mariana, ou era de um colégio que está naquela rua e fechou a rua especificamente para isso. Então, essa ligação é importante e a Prefeitura vai trabalhar cada vez mais para achar esses locais que podem suportar os grandes

blocos.

Algumas pessoas falaram do controle do Bloco do Ibirapuera, na verdade, talvez eu tenha me expressado errado. Não houve um controle de acesso efetivamente, na verdade, a geografia do local permitia que você tivesse quatro ou cinco locais de acesso e nesses locais não era permitida a entrada de vidro. As pessoas passavam ali por um controle, mas não efetivamente uma proibição. Ninguém foi proibido de entrar dentro do Ibirapuera, mas havia um certo controle que facilitou e muito a segurança e o bem-estar das pessoas dentro do Carnaval.

Acho que esse aperfeiçoamento é importante essa oitiva. Acredito que quanto mais cedo os blocos saíram é melhor. Como é feito em outras cidades do Brasil. O Carnaval começando mais cedo. Com isso a gente termina antes de escurecer. Esse ano teve o agravante do horário de verão. No Carnaval do ano passado tinha horário de verão, esse não, então, às 18:30 da tarde já estava escuro. A gente escutou muito da segurança que toda manifestação com muita gente, à noite, é mais difícil de controlar, quando você tem um problema, do que quando é durante o dia.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. FABRÍCIO COBRA ARBEX – Eu sei, mas os blocos começam à tarde. No Rio de Janeiro começa às 9 horas da manhã, os grandes blocos. É uma opinião. Se você tem opinião diferente, eu tenho a minha opinião. Eu fui a vários blocos matinais e você tem outro clima. Quanto mais cedo você sai, você tem o dia inteiro para curtir o Carnaval. No Rio de Janeiro os blocos saem às 9 horas da manhã. Aqui...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. FABRÍCIO COBRA ARBEX – É isso que eu estou te falando, eu volto eu te

falar, eu estou dando a minha opinião. Eu não estou falando pela Prefeitura, estou dando a minha opinião, pela minha experiência na Vila Mariana. Eu acho que quanto mais cedo melhor, mas eu não estou dizendo que vai ser mais cedo porque eu não respondo pela Prefeitura.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. FABRÍCIO COBRA ARBEX – A gente está aqui... eu gostei do Tiago que falou dos factoides. Acho que a gente tem aqui claro todo o problema que é trazido ajuda a gente a crescer, mas acho que tem que olhar uma discussão mais ampla. Criar os marcos que podem ser melhorados, aperfeiçoar.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. FABRÍCIO COBRA ARBEX – Você já teve a oportunidade de falar agora deixa a gente terminar de falar. O senhor falou e a gente não interrompeu em nenhum momento. Então, se puder deixar eu terminar de falar, para depois o senhor falar de novo.

Tudo pode ser aperfeiçoado e melhorado e esse diálogo com a sociedade civil é muito importante, é o que temos feito na subprefeitura: ouvir a sociedade, conversar, dialogar, para que a gente possa melhorar. O Prefeito fala isso a todo momento. Esse diálogo é muito importante. Eu dei apenas duas opiniões pessoais: a questão do horário e a questão dos blocos dentro de locais residenciais.

Estamos à disposição, parabênzo a Câmara dos Vereadores, Vereador Caio e Vereador Aurélio Nomura, por essa iniciativa. Acho que é importante criar esses marcos. Ajuda o Executivo a executar o Carnaval de São Paulo, que tomou medidas em cinco anos e quintuplicou de tamanho. Hoje é uma realidade, é um ganho para a Cidade. A gente tem que trabalhar para manter o Carnaval, mas sempre atenuando os efeitos para que a gente tenha

sempre o equilíbrio, controle e segurança, que foi atingido esse ano.

A questão da descentralização foi feita pela Prefeitura e surtiu efeitos na questão da segurança. Não tivemos grande volume de tumulto na Cidade porque foram realizados no mesmo horário em locais diversos, em regiões diversas da Cidade.

Coloco-me à disposição para a gente trazer a nossa experiência eu e o João estamos trazendo a experiência de quem vivenciou. Eu chegava 9 horas da manhã nos blocos e ia embora às 22 horas da noite, depois que o trânsito estava liberado. Muita gente olha esse lado do Carnaval que eu vivenciei esse ano pelo lado do poder público. Cansei de participar do Carnaval como cidadão e vi o trabalho, a dedicação dos funcionários de todas as áreas, para conseguir colocar de pé um Carnaval que começa às oito da manhã e termina dez horas da noite, com a limpeza das ruas e a liberação de trânsito.

É muito salutar essa iniciativa da Câmara e estamos à disposição para passar a nossa experiência de quem vivenciou o Carnaval pela construção da infraestrutura, pelo lado da Subprefeitura.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Valeu, Fabrício, e vamos terminar com o colega Júlio Fernandes, representando a CET.

O SR. JÚLIO FERNANDO CONDURSI PARANHOS DA SILVA – Como ressaltai no início é fundamental esse debate para que a gente consiga conciliar todos os anseios de todos os atores, sejam eles moradores das regiões impactadas pelos desfiles, sejam dos blocos e até mesmo os anseios dos órgãos públicos que planejam e executam o Carnaval em São Paulo.

É nesse sentido que a CET reafirma o compromisso de atuar nessas discussões. Eu particularmente tenho participado tanto do planejamento, quanto da execução do Carnaval. Nos últimos quatro anos muitos aqui já me viram, seja em planejamento, seja nas audiências com Doutor César e, até mesmo, no dia do Carnaval. Nós temos um conhecimento, nós

sabemos de todos os problemas, mas também é inegável que o Carnaval tem evoluído por conta de todas as discussões que têm sido feitas, ao longo desses últimos anos. Esse momento é mais uma oportunidade que nós temos de analisar todos os pontos negativos, mas também os pontos positivos. Eu não tenho dúvida que nós cresceremos cada vez mais com eles Carnaval.

Agradeço ao Vereador Caio pela oportunidade, pelo convite e agradeço a todos os presentes e meus amigos da mesa também.

O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro) – Obrigado. Também vou encerrar. Agradeço por todos estarem aqui numa segunda-feira de chuva, quase dez horas da noite, Corinthians e Santos jogando e estamos aqui debatendo um tema que só vai acontecer daqui a 10, 11 meses. A gente tem que provocar as reflexões para antecipar problemas que são previsíveis e vários deles solucionáveis. Não é coisa de outro mundo.

Como Vereador aqui na Câmara e ser uma pessoa que gosta de Carnaval, quando eu não era Vereador, eu pulava Carnaval e gostava e, agora, como Vereador, quando posso, vou. E gosto até de cantar. Eu sou cobrado nas redes, e o pessoal fala quando tem a desordem, quando tem a bagunça. É bom poder ouvir os vários atores porque, de fato, há regiões com suas particularidades.

Esta audiência pública está saindo neste momento pela reclamação feita pelo pessoal de Pinheiros. Pinheiros e Vila Madalena, em 2014, sofreram mais do que outras regiões porque se trata de uma parte da Cidade que tem vocação para uma atividade de boemia mais do que outras. Tem muitos bares, baladas, o Largo da Batata recuperado virou um atrativo, por conta do metrô.

Então, por Pinheiros, se tem um laboratório dos problemas que podem acontecer em outras regiões, se não for organizado. Vi crescer o carnaval de Pinheiros. Em 2014, quando não tinha problema da Copa, que colocou esses bairros no mapa. A partir dali, as pessoas de toda a grande São Paulo se dirigiam para lá para repetirem aquele clima de Copa na Rua

Aspicuelta e em suas paralelas e transversais.

A Lei do Xixi foi sancionada em razão do bairro de Pinheiros, pois as pessoas dali diziam que todos os sábados e domingos a galera fazia na porta das casas.

No fim das contas, tudo o que foi falado aqui, a questão do barulho, acho que foi o França, não surge no carnaval, é uma questão da Cidade, temos ônibus, motos, já vi decisão judicial anulando multa de psiu porque o autuado provou que o ônibus fazia um ruído maior do que o bar. Então, não o juiz falou que não tinha como autuar. Acho que era oito horas da noite.

Então, o ruído é um problema da Cidade. Não é só do carnaval. E toda a segurança, a limpeza e a organização.

Portanto, esse debate surgiu de uma reclamação de moradores, legítima, no caso de Pinheiros, é arrastão e assalto, algo pesado – e que não tem a ver com bloco. É uma questão de descobrirem que ali tem alvos fáceis, num local de fácil acesso, de metrô. Estou falando isso porque o João sofre essa cobrança na pele, mas o carnaval não é só em Pinheiros.

Houve muitos pontos legais, a questão do fomento dos blocos nas periferias, a questão da transparência na prestação de contas; o patrocínio, o impacto da demora e da desorganização nos patrocínios é violento, porque quando o patrocínio master fecha em cima da hora, não aposta nos blocos porque tudo já atrasou, e os blocos não conseguem patrocínio. A maioria dos blocos não conseguem sequer fechar a conta de operação: alugar um carro, pagar os músicos, fazer a segurança com cordeiros que usam trio etc. que é obrigação dos blocos.

Então, considerando que o carnaval é cultura e que o crescimento do carnaval de rua está inserido no contexto de que a população de São Paulo está optando por ficar aqui, e os blocos estão crescendo, assim como o interesse das pessoas em fazer música e se organizarem para blocos.

A gente tem que sair da dicotomia de sou a favor ou contra. A Avenida Tiradentes

foi apontada como uma avenida de sucesso. Os moradores do Bom Retiro estão dizendo que não: que quem mora no Bom Retiro ficou ilhado, não conseguem passar, pessoas idosas, hospital. Então, a gente tem que olhar com cuidado para cada região. Para quem fez aquele bloco, produziu, para quem pulou o carnaval foi legal, mas para quem mora não.

São Paulo é grande o suficiente para conseguir organizar isso. Sei que a CET precisa de estrutura, de apoio, não tem agentes suficientes para fazer os turnos longos que o carnaval exige, o mesmo se diga da Guarda e da Polícia.

Então, precisa, sim, de um planejamento integrado, e espero que esta audiência pública em cima do PL – não mostrei o texto aqui. Ele tem cinco artigos. É uma diretriz que não se aplica mais hoje para o que virou o carnaval – acho. Inclusive, o texto como está no original restringiria vários blocos de acontecerem.

A gente tem que rever isso. Vamos falar com o Prefeito Bruno Covas, quem sabe, ele propondo uma diretriz como Prefeito, e a gente na Câmara implementar, talvez, seja o melhor.

Agradeço a presença de todos vocês. Vários dos debates a gente pode endereçar para a Prefeitura para ter mais transparência; essa questão do incentivo aos blocos da periferia também.

Quando se fala em mega blocos, há blocos tradicionais da Cidade que cresceram e viraram mega, assim como há blocos mega porque trazem uma atração mega, e são coisas diferentes.

O Bloco Baixo Augusta descia pela Rua Augusta. No início, fechava um sentido da Rua Augusta; depois, a rua inteira; depois, foi para a Rua da Consolação; e, hoje, o maior bloco de São Paulo – é um bloco nascido na Cidade. E foi multado porque não cumpriu a regra do horário.

Blocos do Rio de Janeiro ajudaram a fomentar lá atrás, com oficinas de percussão. O bloco não quer estar associado com bagunça, e o pessoal que recebe o bloco bravo com

ele. Ninguém que organize um bloco quer ser xingado.

Quando o João falou em “moradores e organizadores de blocos”, quis dizer o seguinte: moradores que recebem blocos nos seus endereços, mas que não fazem parte daquela organização. Esses moradores também têm que ser ouvidos, temos que conciliar os interesses. Se não, vai acontecer uma tragédia, como aconteceu no ano passado, do menino que morreu eletrocutado na Rua da Consolação. E o caso poderá manchar uma coisa que deveria ser positiva.

Para encerrar, digo que é para ser positiva porque não me esqueço da primeira reunião que tive na Associação Comercial de Santo Amaro, quando a pauta era dos comerciantes falando contra o carnaval.

Eu falei: “Gente, todos os números estão em sentido oposto ao que vocês estão falando. Restaurantes que abriram no carnaval aumentaram o faturamento; os hotéis, naquela época, em 2017, tiveram um aumento de 30% nas ocupações”; neste ano, na região central, passou de 90% na Sub Sé. Então, está gerando emprego e arrecadação. A Associação Comercial não pode ser contra. É evidente que há estabelecimentos que, por causa do bloco, não conseguem abrir para seu público.

Então, são vários os conflitos e, na Câmara, temos que dar voz para todos. Espero que o Secretário da Cultura possa, também, contribuir para esse texto. Vou enviar ao Prefeito Bruno Covas, para que envie ao Secretário. Quem sabe, tenhamos um marco regulatório para que o carnaval de rua seja reconhecido pela importância que tem, mas sem desprezar a peculiaridade dos bairros.

A Cultura tem que participar, com certeza, mas é questão administrativa e, mudando a gestão, pode mudar o nome de Pasta, ser juntada, desmembrada, para evitarmos esse tipo de coisa, o carnaval tem que estar como algo permanente. O carnaval é um patrimônio da Cidade, reconhecido isso, não poderá haver mais gente da Cidade falando mal do que falando bem.

Para a gente chegar nisso: organização, planejamento e transparência. Com essas três coisas, não tem erro - porque é dinheiro público, patrocínio, espaço público é direito das pessoas - com esses três pilares organizamos um grande evento, e o foco na cultura. Aliás, cultura é o que está faltando.

Quando visito uma região e me falam de Pancadão, eu acho que o maior combate ao Pancadão é oferecer esporte e cultura permanente, não como um evento. Oferecendo de forma permanente, se tira a opção do jovem ir para o Pancadão para se drogar e curtir o som lá. Ele pode fazer isso, se ele quiser, mas verá que tem outras oportunidades de manifestação artística.

Então, vamos investir na cultura, e o carnaval pode ser um patrimônio cultural para todos, se houver planejamento, organização e transparência, se não, infelizmente, a narrativa será mais difícil para ser mantida.

Obrigado a todos vocês, e eu me comprometo a pedir a formação de uma subcomissão ou na CCJ ou na Comissão de Educação, de Transporte, qualquer uma das Comissões, para que se organize uma vez por mês. A gente pode, inclusive, utilizar o sistema de consulta pública que o Senado tem e que é eficiente para a gente construir esse texto coletivamente, sem ter que estar presencial, ampliando para que mais pessoas participem.

Parabéns.

Obrigado pelas contribuições.

Até a próxima.

